

LIBERDADE RELIGIOSA NO MUNDO

SUMÁRIO EXECUTIVO 2018



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

FUNDAÇÃO
PONTIFÍCIA



O relatório completo da **Liberdade Religiosa no Mundo** pode ser encontrado em **www.religion-freedom-report.org**



O documento de 2018 é a 14ª edição do *Relatório Liberdade Religiosa no Mundo da Ajuda à Igreja que Sofre*, produzido de dois em dois anos. É publicado em português, inglês, holandês, francês, alemão, italiano e espanhol.

Liberdade Religiosa no Mundo

Editor-chefe: John Pontifex | **Editora:** Marcela Szymanski | **Presidente do Comité Editorial:** Mark von Riedemann

Comité Editorial: Marc Fromager, Marta Garcia Campos, Maria Lozano, Marta Petrosillo, Peter Sefton-Williams e Roberto Simona

Edição e revisão de provas: David Black, Tony Cotton, Angie Deevy, Dee Dunne-Thomas, Caroline Hull, Fr Alistair Jones OP, Christopher Jotischky-Hull, Michael Kinsella, Andrew Macdonald Powney, Murcadha O Flaherty, John Newton, Elizabeth Rainsford-McMahon, Tony Smith, Heather Ward, Catarina Martins de Bettencourt, Pilar Rocha e Alexandra Ferreira

LIBERDADE RELIGIOSA NO MUNDO

2018

Sumário Executivo



Fundação AIS
ACN PORTUGAL

ÍNDICE

Prefácio do Cardeal Dieudonné Nzapalainga	05
Resumo das Conclusões	06
Principais Conclusões	09
Países com Violações Significativas da Liberdade Religiosa	
Mapa	34
Tabela	36
Informação de fundo	
Não é apenas uma questão religiosa	08
Violência sexual e conversão forçada de mulheres i: Nigéria, Síria e Iraque	24
Violência sexual e conversão forçada de mulheres ii: Egipto e Paquistão	26
Crise no Islamismo	32
Casos de Estudo	
ÍNDIA: Agricultor muçulmano morto por radicais hindus “justiceiros das vacas”	10
MIANMAR (BIRMÂNIA): Rohingya fogem da violência, da violação e da discriminação em massa	14
IRAQUE: Derrota de extremistas anuncia reabilitação da cidade	16
FILIPINAS: Sacerdote e funcionários da catedral raptados	19
EGIPTO: Extremistas matam 29 peregrinos cristãos coptas	21
NIGÉRIA: Católicos assassinados por militantes durante a Missa	22
AFEGANISTÃO: Muçulmanos xiitas bombardeados por extremistas sunitas	25
ESPANHA: Islamita conduz carrinha contra multidão, matando 15 pessoas	28
FRANÇA: Mulher judia atirada pela janela de terceiro andar	30
MÉXICO: Clero é alvo das organizações criminosas	33

Sumário Executivo | Informações de fundo por Marc Fromager, director national, ACN França e Marta Petrosillo, directora de comunicações, ACN Itália | Designer: Helen Anderson | Design da capa: JS Design | Impresso por: Clássica, Artes Gráficas - Porto

© 2018 Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS) | ACN Portugal, Rua Professor Orlando Ribeiro, 5D, 1600- 796 Lisboa | 00351 217 544 000 | www.fundacao-ais.pt | fundacao-ais@fundacao-ais.pt

PREFÁCIO

Cardeal Dieudonné Nzapalainga

Arcebispo de Bangui, República Centro-Africana

Aqui, na República Centro-Africana, a liberdade religiosa não é um conceito, é uma questão de sobrevivência. A ideia não é se uma pessoa está mais ou menos confortável com os alicerces ideológicos da liberdade religiosa, a questão é como evitar um banho de sangue!

Aqui, em Bangui, onde as forças da destruição estão bem estabelecidas, não temos qualquer escolha. Ou conseguimos restaurar a paz ou desapareceremos. E é importante referir que essa paz só pode ser baseada numa paz religiosa genuína. Num contexto multi-religioso, isto só é possível se a liberdade religiosa for entendida, aceite e defendida.

Seja neste país, onde temos experiência directa das questões em jogo, ou noutras partes do mundo em crise, não faz sentido alegar que a dimensão religiosa é a única causa do caos. A realidade é complexa e as crises modernas são muitas vezes consequência de múltiplos factores interligados.

Uma e outra vez, vemos como os factores políticos, económicos e religiosos estão ligados uns aos outros. Em geral, constatamos infelizmente que os aspectos religiosos de uma crise são explorados pelo interesse político ou, alternativamente, pelo ganho económico, e muitas vezes por ambos ao mesmo tempo.

Esta instrumentalização da religião é muito eficaz, porque os sentimentos religiosos apelam ao que há de mais profundo em nós e, sem dúvida, a religião tem a capacidade de despertar emoções apaixonadas. Hoje em dia, a comunicação social no Ocidente gosta de destacar estes impulsos para denegrir a religião como um todo, e é por isso que devemos sempre tentar equilibrar as coisas. Isto não implica que a religião nunca é um factor de tensão ou uma causa séria de conflito, mas é necessário um discernimento genuíno.

Na República Centro-Africana, não havia tensão religiosa antes de ter surgido o actual conflito, que hoje em dia levou o nosso país a uma situação de permanente violência. O caos resultante permite que os protagonistas da violência destruam a riqueza da nação, mas também que procurem objectivos políticos a longo prazo, manipulando assim os confrontos religiosos para proveito pessoal.

Ao trabalhar com outros líderes religiosos, não poupámos esforços para resolver, tanto quanto podemos, estas tensões e conflitos religiosos. Estamos a arriscar, estamos a expor-nos a grandes críticas. Contudo, esta busca permanente do diálogo inter-religioso e da reconciliação é inquestionavelmente a última defesa contra a implosão do nosso país.

Tendo isto em mente, este *Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo* produzido pela Ajuda à Igreja que Sofre (AIS) é publicado numa altura em que é muito necessário.

Este relatório é uma validação da importância do que estamos a fazer aqui no meu país. Além disso, este relatório é um poderoso incentivo no meio de muitas fontes de frustração e desilusão. Finalmente, este relatório é uma ferramenta preciosa que demonstra a necessidade vital de gerar paz.

A liberdade religiosa na sua totalidade elimina o risco de instrumentalização religiosa. E também pode unir-nos, incentivando-nos a respeitarmos as diferenças uns dos outros e, assim, a pôr fim à manipulação política e económica à qual estamos sujeitos. Um enorme obrigado à AIS pelo serviço que nos presta ao publicar este relatório.



Cardeal Dieudonné Nzapalainga com Kobine Layama, presidente da Comunidade Islâmica da República Centro-Africana

RESUMO DAS CONCLUSÕES

Período em análise: Junho de 2016 a Junho de 2018 (inclusive)

1. a) No período em análise, a situação dos grupos religiosos minoritários deteriorou-se em 18 dos 38 países – quase metade – onde há violações significativas da liberdade religiosa. Notou-se um declínio especialmente acentuado na China e na Índia. Em muitos dos outros países – incluindo Coreia do Norte, Arábia Saudita, Iémen e Eritreia – a situação já era tão má que dificilmente poderia piorar.
b) Agravamento da intolerância para com as minorias religiosas significou que, pela primeira vez, dois países – Rússia e Quirguistão – foram colocados na categoria ‘Discriminação’.
c) Em comparação com há dois anos atrás, mais países com violações significativas da liberdade religiosa mostraram sinais de degradação das condições para as minorias religiosas – 18 países, mais quatro do que em 2016.
d) Um aumento das violações da liberdade religiosa por parte de actores estatais – regimes autoritários – resultou em mais países que mostram um declínio da liberdade religiosa quando comparada com 2016.
e) Por outro lado, um acentuado declínio na violência militante do Al Shabaab significou que a Tanzânia e o Quênia – classificados como países onde havia ‘Perseguição’ em 2016 – fossem colocados na categoria ‘Não classificada’ em 2018. Apesar de se terem notado menos violações religiosas islâmicas nalguns países, a posição agravou-se manifestamente em muitos outros.
2. O nacionalismo agressivo, hostil às minorias religiosas, agravou-se ao ponto de o fenómeno poder ser chamado de ultra-nacionalismo. A intimidação violenta e sistemática dos grupos religiosos minoritários levou a que fossem considerados como estrangeiros desleais e uma ameaça para o Estado.
3. Há cada vez mais provas de uma cortina de indiferença por trás da qual as comunidades religiosas vulneráveis sofrem, sendo a sua luta ignorada pelo Ocidente iletrado em termos religiosos.



4. Aos olhos dos governos e da comunicação social ocidentais, a liberdade religiosa está a cair nos rankings de prioridades dos direitos humanos, sendo eclipsada pelas questões de género, sexualidade e raça.
5. Tem havido uma reinstalação rápida e inesperada de alguns grupos religiosos minoritários em partes do Médio Oriente anteriormente ocupados pelo Daesh (ISIS) e por outros grupos hiper-extremistas.
6. A maioria dos governos ocidentais falhou em dar a assistência urgentemente necessária aos grupos religiosos minoritários, em especial às comunidades deslocadas que desejam regressar a casa.
7. O sucesso das campanhas militares contra o Daesh e outros hiper-extremistas escondeu a propagação de movimentos islamitas militantes em regiões de África, do Médio Oriente e da Ásia.
8. O conflito entre o Islamismo sunita e xiita alimentou grupos extremistas, incluindo o Daesh.
9. Novas provas mostram a extensão do abuso sexual de mulheres por grupos e indivíduos extremistas em África, no Médio Oriente e em partes do subcontinente Indiano.
10. Houve um recrudescimento dos ataques extremistas na Europa e noutras partes do Ocidente, motivados, em parte, pelo ódio religioso. Os ataques sugerem que a ameaça do extremismo militante está a tornar-se universal, iminente e sempre presente. Como tal, esta ameaça pode ser apelidada de terrorismo de proximidade.
11. A islamofobia no Ocidente aumentou, em parte devido à crise migratória em curso.
12. Há provas do agravamento do anti-semitismo, levando a um aumento do número de judeus que emigram para Israel.



INFORMAÇÃO DE FUNDO

Não é apenas uma questão religiosa

Por Marc Fromager

Este relatório, que analisa a liberdade religiosa, procura avaliar elementos relacionados com a prática e a expressão da fé num dado país e dar uma visão das perspectivas para o seu desenvolvimento futuro.

Há dois problemas que devem ser evitados, de modo a reflectir com acuidade os factores religiosos numa análise de conflito: exagerar o papel que eles desempenham ou não os reconhecer suficientemente. Na realidade, a religião é apenas um de muitos factores em jogo, muitos dos quais estão inextricavelmente ligados.

Sem nenhuma ordem específica, uma lista de factores envolvida inclui: o peso da história, o impacto da geografia ou do clima, as circunstâncias políticas (históricas e contemporâneas), as características demográficas, a situação socioeconómica, a cultura, os níveis de educação e, finalmente, a religião.

Se quiséssemos agrupar estes vários elementos por uma questão de clareza, provavelmente poderíamos assumir que a maior parte destas causas podem ser amplamente relacionadas com três áreas fundamentais: política, economia e religião. Muitas vezes, esta última não é considerada de maneira sistemática, excepto num relatório como este, onde ela é o principal objecto de estudo.

Duas crises recentes ajudam a ilustrar a complexidade destas situações, nomeadamente a guerra na Síria e o êxodo dos rohingyas. Apresentada em geral como uma guerra civil, a crise Síria contém uma dimensão geopolítica internacional (conflito saudita-iraniano e depois confronto russo-americano), uma componente económica (gás do Catar e petróleo da Síria) e um elemento religioso (combate hostil entre sunitas e xiitas perante um cenário de expulsão de minorias religiosas).

No que diz respeito aos rohingyas, a habitual apresentação da situação simplifica excessivamente o conflito apresentando-o como vítimas muçulmanas pobres e inocentes que são perseguidas por budistas mianmarenses cruéis. Sem procurar diminuir o sofrimento de meio milhão de refugiados ou rebaixar as inúmeras vítimas, o facto é que, quando se analisa a natureza deste conflito, é claro que ele não é puramente religioso.

Uma vez mais, deparamo-nos com factores políticos: o desejo de separação de uma parte tribal do território de Mianmar num contexto de mudanças demográficas (os mianmarenses e o Governo crêem que os rohingya são maioritariamente de origem bengali) e causas económicas (a descoberta de um grande depósito de hidrocarbonetos ao largo da costa desta região e a vontade de desafiar investimentos Chineses consideráveis).

Estas duas imagens mostram que existe um factor religioso, mas que ele não pode ser adequadamente responsabilizado como a causa de ambas as crises. Ter em conta esta complexidade destaca a importância de promover a liberdade religiosa. Isto pode ajudar a reduzir a possível instrumentalização da religião e, assim, eliminar um dos factores que contribuem para a crise.



PRINCIPAIS CONCLUSÕES

Por John Pontifex, Editor-Chefe, Relatório Liberdade Religiosa no Mundo 2018.

Puseram uma faca na minha garganta e uma arma na minha cabeça. Chamaram-me kaffir [infidel]. Disseram que iam matar-me. Fui colocado na solitária e, nas semanas que se seguiram, perdi mais de metade do meu peso¹

Numa entrevista à Ajuda à Igreja que Sofre (AIS) dada no início de 2018, Antoine, pai de três filhas, descreveu o que lhe aconteceu quando foi apanhado por extremistas islamitas no norte da Síria, na cidade de Aleppo. Quando os militantes descobriram que ele era cristão, exigiram que se convertesse, sob pena de morte. Antoine foi encarcerado, torturado e privado de alimentos. Acordava todos os dias a rezear que fosse o seu último dia.

Foi este o preço que Antoine pagou pela recusa da liberdade religiosa. Contudo, teve sorte. Um dia, aproveitou uma oportunidade e fugiu. Enquanto os seus raptadores estavam a rezar, escapou silenciosamente pela porta principal da prisão, cujo cadeado estava aberto. Fugiu, escalou uma parede muito alta e correu como nunca tinha corrido. Mais tarde nesse dia, encontrou-se com a sua mulher, Georgette, e as suas três filhas.

Este relato pessoal, juntamente com inúmeros outros exemplos, é a razão de ser deste relatório. Para muitas outras pessoas, a experiência da perseguição tem um resultado totalmente diferente. Simplesmente por pertencerem à religião errada, inúmeras pessoas foram assassinadas e muitas outras desapareceram ou foram presas indefinidamente.

Muitos incidentes deste tipo, motivados por ódio religioso, mostram até que ponto a liberdade religiosa no mundo hoje é “um direito órfão”.²

Perante isto, é sem dúvida mais importante do que nunca chegar a uma definição clara e trabalhável da liberdade religiosa e das suas ramificações para os governos, as autoridades legais e a sociedade como um todo. Este relatório da AIS sobre *Liberdade Religiosa no Mundo 2018* reconhece os princípios fundamentais da liberdade religiosa tal como contidos no artigo 18º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, adoptada pelas Nações Unidas, em 1948:

Todos têm direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade para mudar a própria religião ou crença, e a liberdade, sozinho ou em comunidade com outros, e em público ou em privado,

para manifestar a própria religião ou crença através do ensino, da prática, do culto ou da observância.³

Ao analisar o período de dois anos, de Junho de 2016 até Junho de 2018 inclusive, este relatório avalia a situação religiosa de cada país do mundo. Reconhecendo que a liberdade religiosa não pode ser avaliada adequadamente de forma isolada, os relatórios de países analisam criticamente a relação muitas vezes intrincada entre questões de religião e outros factores relevantes – por exemplo, política, economia, educação (**ver Informação de fundo – Não é apenas uma questão religiosa**). Foram analisados 196 países, com um foco especial sobre a liberdade religiosa nos documentos constitucionais e outra legislação, em incidentes de referência e finalmente na projecção de tendências prováveis. A partir destes relatórios, os países foram categorizados (**ver tabela na página 36-39**). A tabela foca-se nos países onde as violações da liberdade religiosa vão para além das formas comparativamente suaves da intolerância para representarem uma infracção fundamental dos direitos humanos.

Os países onde ocorreram graves violações foram colocados em duas categorias: ‘Discriminação’ e ‘Perseguição’ (**ver definição total de ambas as categorias em www.libertadreligiosaenelmundo.com**). Nestes casos de discriminação e perseguição, as vítimas tipicamente têm pouco ou nenhum recurso na lei.

Essencialmente, a ‘Discriminação’ envolve habitualmente uma institucionalização da intolerância, normalmente levada a cabo pelo Estado ou pelos seus representantes a diferentes níveis, com maus-tratos enraizados a nível legal e de costumes a grupos individuais, incluindo comunidades religiosas.

Enquanto a categoria ‘Discriminação’ identifica habitualmente o Estado como o opressor, a categoria ‘Perseguição’ também inclui grupos terroristas e actores não estatais, pois o foco aqui está nas campanhas activas de violência e subjugação, incluindo homicídio, detenção falsa e exílio forçado, além de danos ou expropriação de bens. De facto, o próprio Estado pode frequentemente ser uma vítima, como se vê, por exemplo, na Nigéria. Daí que a ‘Perseguição’ seja uma categoria de maior infracção, pois as violações da liberdade religiosa em questão são mais graves e, por natureza, também tendem a incluir formas de discriminação como subproduto.

¹ John Pontifex, ‘The suicide bomber saved by Our Lady,’ *Catholic Herald*, 8 de Março de 2018, <http://www.catholicherald.co.uk/magazine-post/the-suicide-bomber-saved-by-our-lady/>
² ‘Article 18: an orphaned right’ – Relatório do All Party Parliamentary Group on International Religious Freedom, Junho de 2013.
³ United Nations – ‘The Universal Declaration of Human Rights’ - <http://www.un.org/en/universal-declaration-human-rights/index.html> (acedida a 23 de Junho de 2018).



CASO DE ESTUDO ÍNDIA

AGRICULTOR MUÇULMANO MORTO POR RADICAIS HINDUS “JUSTICEIROS DAS VACAS”

Abril de 2017: Pehlu Khan, um muçulmano produtor de leite, morreu depois de ser atacado por “justiceiros das vacas” em Alwar, no estado do Rajastão. Khan e os seus colegas foram mandados parar por cerca de 200 justiceiros quando transportavam gado leiteiro que tinham acabado de trazer de volta à sua aldeia. A vaca é sagrada na tradição Hindu e protegida pela Constituição da Índia. Os justiceiros têm assediado, atacado ou matado indivíduos suspeitos de abaterem vacas.

Pouco antes da sua morte, Khan tinha apresentado uma declaração à polícia identificando as seis pessoas responsáveis por atacá-lo, mas todas as acusações criminais contra eles, incluindo a acusação de homicídio, foram retiradas. Embora as autoridades não tenham conseguido progredir no caso de homicídio, 11 muçulmanos atacados juntamente com Khan foram detidos em ligação com infracções no âmbito da lei da protecção da vaca, no Rajastão.

Foram organizados protestos em Nova Deli e noutras partes do país em resposta à crescente violência contra muçulmanos e a casta inferior dos dalits por parte de justiceiros hindus. Os ataques contra minorias religiosas, particularmente contra Cristãos, aumentaram drasticamente após a vitória esmagadora do Partido Bharatiya Janata (BJP) nas eleições de Março de 2017.

Os líderes do BJP defenderam a ideologia Hindutva que considera a Índia como uma nação essencialmente Hindu. Falando após a morte de Khan, o político Rahul Gandhi disse que esta “nova visão para a Índia que Narendra Modi... está a propagar... é uma visão onde só vai prevalecer uma ideia”. Contudo, o primeiro-ministro Modi apelou à acção contra os grupos de justiceiros das vacas, em Agosto de 2017.

Pelo menos 10 muçulmanos foram assassinados em 2017 por radicais hindus “justiceiros das vacas”.

Fontes: *LiveMint*, 6 de Abril de 2017; *Times of India*, 25 de Abril de 2017; *Business Standard (Índia)*, 1 de Fevereiro de 2018; Relatório do USCIRF 2018.

Ao analisar cada país no mundo, este relatório encontrou provas de violações significativas da liberdade religiosa em 38 países (19,3%). Estes 38 países foram analisados mais em detalhe e chegou-se às seguintes conclusões: primeiro 21 países (55%) foram colocados no topo da categoria de 'Perseguição' e os restantes 17 (45%) na categoria menos grave de 'Discriminação'. Isto significa que, em todo o mundo, 11% dos países foram classificados ao nível da 'Perseguição' e 9% ao nível da 'Discriminação'. Segundo, a situação da liberdade religiosa deteriorou-se em 18 dos 38 (47,5%) países, divididos mais ou menos uniformemente entre as categorias de 'Perseguição' e 'Discriminação'. Terceiro, 18 dos 38 países (47,5%) não mostraram sinais óbvios de mudança entre 2016 e 2018. Quarto, as condições da liberdade religiosa melhoraram em apenas dois países (5%): o Iraque e a Síria, ambos grandes infractores em 2016. Significativamente, a situação da liberdade religiosa na Rússia e no Quirguistão agravou-se a tal ponto nos dois anos desde meados de 2016 que estes países entraram na categoria de 'Discriminação' pela primeira vez em 2018. Por contraste, o acentuado declínio da violência islamita militante na Tanzânia (Zanzibar) e no Quênia significaram que em 2018 eles passaram a estar categorizados como 'Não classificada'.

Apesar de, em muitos aspectos, estas conclusões de 2018 serem comparáveis com as registadas em 2016, há uma diferença significativa, nomeadamente, um assinalável aumento no número de países com violações significativas da liberdade religiosa, onde a situação claramente se agravou. 2018 registou 18 países onde a situação se degradou, mais quatro do que no período abrangido pelo relatório anterior. Isto representou uma clara deterioração e reflecte o padrão geral, que mostra um aumento da ameaça à liberdade religiosa por parte de actores estatais. Os exemplos disso incluem Mianmar (Birmânia), China, Índia, Irão, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão e Turquia. Embora a ameaça de actores islamitas e outros actores não estatais tenha diminuído desde 2016 em países como Síria, Iraque, Tanzânia e Quênia, em muitos outros países a ameaça do Islamismo foi visível mas não necessariamente suficiente – ainda – para justificar a categorização a indicar a mudança para pior. As provas sugerem que era mais provável a ameaça nesta área aumentar, progredindo para a próxima década. Esta mesma projecção pode ser feita de forma mais definitiva em relação aos actores estatais – regimes autoritários – que, desde 2016, causaram um retrocesso na liberdade religiosa em inúmeros países, incluindo os que têm influência regional e global.

Entre os países que testemunharam um declínio mais acentuado da liberdade religiosa durante o período em questão, a Índia é particularmente significativa, pois é o segundo país do mundo mais populoso,⁴ com uma das economias de crescimento mais acelerado no mundo.⁵ Relatório após relatório destacou os actos de violência flagrante, cada um deles com um motivo claramente estabelecido de ódio religioso. Um exemplo disso vem do estado de Madhya Pradesh, no centro da Índia. Ao descrever “uma atmosfera de hostilidade contra nós”,⁶ o Arcebispo Anthony Chirayath de Sagar falou sobre como nacionalistas fanáticos ameaçaram fisicamente as famílias na sua Diocese e lhes disseram que partissem. Numa entrevista em Novembro de 2017, o Bispo disse que extremistas hindus espancaram oito sacerdotes e queimaram o seu veículo no exterior da esquadra de polícia em Satna. A organização de defesa dos direitos humanos *Persecution Relief* documentou 736 ataques contra cristãos em 2017, por comparação com 358 em 2016⁷ (ver Caso de Estudo – ÍNDIA: Agricultor muçulmano morto por radicais hindus “justiceiros das vacas”).

Esta violência contra cristãos, muçulmanos e outras minorias – muitas das quais pertencem a comunidades das castas inferiores – revela a emergência de uma forma particularmente agressiva de nacionalismo evidente na Índia e noutros países do mundo. O nacionalismo em questão não só é uma ameaça para o país nos grupos minoritários cumpridores da lei, como está na origem de actos de agressão calculados para forçá-los a renunciar à sua identidade distintiva ou a deixar o país. Este tipo de ameaça pode ser chamado de ultra-nacionalismo. Entre intensas preocupações sobre a alegada evangelização entre comunidades hindus, as minorias são acusadas – como referiu um deputado indiano – “como uma ameaça para a unidade do país”.⁸ Essas alegações são indicadoras de uma mentalidade nacionalista que identifica o país exclusivamente com o Hinduísmo.

Os grupos nacionalistas hindus de linha dura são rotineiramente responsabilizados pelos ataques que são descritos como fazendo “parte de uma tendência sem precedentes para apresentar [os grupos religiosos minoritários] como actuando contra o Estado e o *ethos* nacional”.⁹ Foram levantadas preocupações repetidas vezes em relação à “cumplicidade”¹⁰ das forças de segurança Indianas na violência, ou pelo menos na sua incapacidade para agir. Observatórios da liberdade religiosa referiram que o aumento acentuado de ataques às minorias religiosas na Índia coincidiu com a subida ao poder do Partido Bharatiya Janata (BJP), sendo agora a violência contra estas minorias uma “rotina”.¹¹ O BJP tem ligações ideológicas e organizacionais

⁴ De acordo com estatísticas no *Yearbook of International Religious Demography*, (Leiden: Brill, 2017), a população da Índia chegava a mais de 1.326 milhões em 2016.

⁵ Kiran Stacy e James Kynge, 'India regains title of world's fastest-growing economy', *Financial Times*, 28 de Fevereiro de 2018, <https://www.ft.com/content/cb5a4668-1c84-11e8-956a-43db76e69936> (acedido a 24 de Junho de 2018).

⁶ “Hindu radicals want to eliminate us. Help us,” says the bishop of Sagar, *AsiaNews.it*, 16 de Novembro de 2017, <http://www.asianews.it/news-en/%26ldquo%3BHindu-radicals-want-to-eliminate-us.-Help-us%2C%26ldquo%3B-says-the-bishop-of-Sagar-42340.html> (acedido a 24 de Junho de 2018).

⁷ 'Attacks on Christians in India double in one year,' 21 de Fevereiro de 2018, *CathNews*, <http://www.cathnews.com/cathnews/31392-attacks-on-christians-in-india-double-in-one-year> (acedido a 24 de Junho de 2018).

⁸ Shilpa Shaji, 'History of attacks on Christians by the Right Wing in India', 23 de Abril de 2018, <https://www.newsclick.in/history-attacks-christians-right-wing-in-india> (acedido a 24 de Junho de 2018).

⁹ Saji Thomas, 'Hindu attacks on Christians double in India', *UCANews*, 20 de Fevereiro de 2018, <https://www.ucanews.com/news/hindu-attacks-onchristians-double-in-india/81570> (acedido a 24 de Junho de 2018).

¹⁰ 'Police Complicit in Hindu Extremist Attack on Christians in Tamil Nadu, Sources say', *Morning Star News*, 19 de Dezembro de 2017, <https://morningstarnews.org/2017/12/police-complicit-hindu-extremist-attack-christians-tamil-nadu-india-sources-say/> (acedido a 24 de Junho de 2018).

¹¹ 'Shilpa Shaji, 'History of attacks on Christians by the Right Wing in India', 23 de Abril de 2018, <https://www.newsclick.in/history-attacks-christians-right-wing-in-india> (acedido a 24 de Junho de 2018).

estreitas com grupos nacionalistas hindus, incluindo os ultra-nacionalistas Rashtriya Swayamsevak Sangh (RSS).¹² Narendra Modi do BJP levou o partido à vitória nas eleições de 2014, tornando-se primeiro-ministro. O Bispo Thomas Paulsamy disse à AIS: “O BJP apoia os fundamentalistas. O [primeiro-ministro Modi] não quer que se aplique a Constituição, mas antes os princípios e valores religiosos do Hinduísmo.”¹³

Este nacionalismo e o seu impacto nos grupos religiosos minoritários não se limita à Índia. De facto, uma das principais conclusões do *Relatório Liberdade Religiosa no Mundo 2018* é que os desenvolvimentos na Índia são típicos de **um aumento do ultra-nacionalismo religioso nalguns dos principais países do mundo, cada um com o denominador comum de as minorias religiosas estarem sob ataque**. Estes grupos religiosos são apresentados como estranhos ao Estado, uma potencial ameaça, se não existente, à chamada cultura nacional, com lealdades a outros países. Se este tipo de nacionalismo não for vigiado, a preocupação é que ele possa levar a uma crescente pressão – talvez a uma campanha de violência em larga escala – para forçar esses grupos minoritários a fugirem ou a renunciarem à sua fé.¹⁴

Não significa que esta forma de nacionalismo se identifique invariavelmente com uma fé específica à custa de outras. Na China, todos os grupos religiosos estão em risco se tentarem quebrar os laços com a liderança cada vez mais autoritária. Ao longo dos últimos dois anos, o regime do presidente Xi Jinping deu novos passos para reprimir os grupos religiosos vistos como resistentes ao domínio das autoridades comunistas chinesas.

Na província de Xinjiang, no noroeste da China, Chen Quanguo, nomeado chefe de partido em 2016, foi acusado de presidir a uma repressão maciça contra os uigures, o maior grupo muçulmano no país. Houve relatos de que o Governo estava a construir milhares de campos de reeducação,¹⁵ e que 100.000 uigures estavam a ser “detidos indefinidamente em campos de reeducação sobrelotados na fronteira ocidental da China”.¹⁶ Outros relatos sugerem que os números são maiores. Um

prisioneiro relatou que não era autorizado a comer enquanto não agradecesse ao presidente Xi e ao Partido Comunista.

Com relatos de que “a repressão da actividade religiosa se intensificou”, em Outubro de 2017, na conferência quinquenal do Partido Comunista Chinês, o presidente Xi fez um discurso em que declarou que todas as religiões devem ser “orientadas para a China”.¹⁷ Disse que o regime não ia tolerar o separatismo disfarçado de religião. As provas de uma determinação em fazer cumprir esta abordagem chegaram em Janeiro de 2018, quando o Governo introduziu um novo “Regulamento dos Assuntos Religiosos”, visto como restrição pesada aos grupos religiosos, confinamento das suas actividades a localizações específicas e bloqueio do acesso a diferentes formas de presença *online*.¹⁸ No final de 2017, chegavam relatos de estar a ser oferecido dinheiro aos cristãos nalgumas partes do país para destruírem imagens natalícias do Menino Jesus e substituí-las por retratos do presidente Xi.¹⁹ Em Abril de 2018, foi proibida a venda *online* da Bíblia²⁰ e dois órgãos protestantes controlados pelo Estado anunciaram que iriam seguir uma nova versão “secularizada” da Bíblia compatível com a “sinicização” e o socialismo.²¹

Olhando para a Rússia, vemos outra dimensão do ultra-nacionalismo religioso a funcionar. Provas apresentadas neste relatório concluem que “a situação da liberdade religiosa se agravou drasticamente nos últimos dois anos”.²² De grande preocupação são as leis, conhecidas como Pacote Yarovaya, promulgadas em Julho de 2016. Introduzidas no âmbito da legislação anti-terrorismo, estas leis aumentaram as restrições aos actos de proselitismo, incluindo pregação e divulgação de material religioso.²³ Significativamente, as principais expressões de fé intimamente identificadas com a cultura e a história Russa ficaram isentas destas restrições. Faith McDonnell, directora de liberdade religiosa do Instituto de Religião e Democracia, disse: “Esta lei não faz muito para defender do terrorismo e apenas impede os cristãos e outros que não são ortodoxos de pregar e fazer proselitismo.” Na sequência do Pacote Yarovaya, a polícia realizou buscas a casas privadas e a locais de culto pertencentes a minorias

¹² ‘Indian Christians faced almost as many attacks in first half of 2017 as all of 2016’, *World Watch Monitor*, 8 de Agosto de 2017, <https://www.worldwatchmonitor.org/2017/08/hinduisation-of-india-leads-to-more-anti-christian-violence/> (acedido a 24 de Junho de 2018).

¹³ Murcadha O Flaherty, ‘India: Christians protest amid surge in attacks by Hindu extremists’, *Aid to the Church in Need (UK)*, 5 de Junho de 2018 <https://acnuk.org/news/india-christians-protest-amid-surge-in-attacks-by-hindu-extremists/> (acedido a 24 de Junho de 2018).

¹⁴ Dharm Jagran Samiti, governador do estado de Uttar Pradesh, ao falar depois de Modi ter ganho as eleições de 2014 na Índia, afirmou: “O nosso objectivo é tornar a Índia numa *Rashtra* [nação] Hindu até 2021. Os muçulmanos e os cristãos não têm qualquer direito de estar aqui. Por isso, ou se convertem ao Hinduísmo ou serão forçados a fugir daqui.” Citado por Shilpa Shaji em ‘History of attacks on Christians by the Right Wing in India’, 23 de Abril de 2018, <https://www.newsclick.in/history-attacks-christians-right-wing-india> (acedido a 24 de Junho de 2018).

¹⁵ ‘Apartheid with Chinese characteristics’, *The Economist*, 2 de Junho de 2018, pp. 21-26.

¹⁶ ‘Thousand of Uighur Muslims detained in Chinese ‘re-education’ camps’, *The Telegraph*, 26 de Janeiro de 2018, <https://www.telegraph.co.uk/news/2018/01/26/thousand-uighur-muslims-detained-chinese-re-education-camps/> (acedido a 24 de Junho de 2018).

¹⁷ ‘China’s president seeks more control over religion’, *The Catholic World Report*, 25 de Outubro de 2017, <https://www.catholicworldreport.com/2017/10/25/chinas-president-seeks-more-control-over-religion/> (acedido a 24 de Junho de 2018).

¹⁸ ‘China’s new religion regulations expected to increase pressure on Christians’, *World Watch Monitor*, 1 de Fevereiro de 2018, <https://www.worldwatchmonitor.org/2018/02/chinas-new-religion-regulations-expected-increase-pressure-christians/> (acedido a 24 de Junho de 2018).

¹⁹ JB Cachila, ‘China’s Christians are being told to take down their pictures of Jesus and replace them with President Xi instead’, *Christian Today*, 15 de Novembro de 2017 <https://www.christiantoday.com/article/chinas-christians-are-being-told-to-take-down-their-pictures-of-jesus-and-replace-them-with-president-xi-instead/118698.htm> (acedido a 24 de Junho de 2018).

²⁰ ‘Beijing bans online Bible sales’, *AsiaNews.it*, 5 de Abril de 2018, <http://asianews.it/news-en/Beijing-bans-online-Bible-sales-43540.html> (acedido a 24 de Junho de 2018).

²¹ ‘Protestant plan focuses on Sinicization of Christianity’, *UCANews*, 20 de Abril de 2018, <https://www.ucanews.com/news/protestant-plan-focuses-on-sinicization-of-christianity/82098> (acedido a 24 de Junho de 2018).

²² Ben Rogers, China country entry – *Religious Freedom in the world 2018 report*, *Aid to the Church in Need*, Novembro de 2018.

²³ Mike Eckel, ‘Russia’s “Yarovaya Law” Imposes Harsh New Restrictions on Religious Groups’, *Radio Free Europe*, 11 de Julho de 2016, <https://www.rferl.org/a/russia-yarovaya-law-religious-freedom-restrictions/27852531.html> (acedido a 14 de Setembro de 2018).

religiosas. A 24 de Abril de 2017, o Supremo Tribunal da Federação Russa proibiu o Centro Administrativo das Testemunhas de Jeová e todos os seus 395 centros locais alegando “extremismo”.²⁴

O fenómeno do ultra-nacionalismo crescente e as repercussões negativas para as minorias religiosas é generalizado, como ilustram os seguintes exemplos. Na Turquia, a agenda nacionalista do presidente Recep Tayyip Erdogan impôs o Islamismo sunita. Anteriormente, o regime tinha jurado defender os direitos das minorias, mas uma mudança de abordagem rapidamente ganhou impulso em resposta à tentativa falhada de golpe, em Julho de 2016. Apesar de a repressão governamental se focar nos dissidentes políticos, os grupos religiosos minoritários foram novamente alvo de pressão. O Governo culpou directamente o movimento muçulmano de Gulen. Os muçulmanos alevitas sofreram ameaças de violência e incidentes nos quais as suas mesquitas foram “reposicionadas” como mesquitas sunitas.²⁵ O regime também encerrou duas estações de televisão xiitas jaferi por alegada “propaganda terrorista”.²⁶ Grupos cristãos disseram que a marca de nacionalismo religioso do presidente Erdogan “deixa-os com pouco espaço de manobra”.²⁷ Outros relataram um aumento nos sinais de pressão, com os cristãos e outros a alegarem que são vistos como “o inimigo”²⁸ pelas agências de comunicação do Estado.

Violações flagrantes da liberdade religiosa resultantes de ultra-nacionalismo foram também encontradas noutros países. As mais graves dizem respeito à Coreia do Norte, onde a liberdade religiosa é amplamente recusada pelo Estado, que vê os grupos religiosos como uma ameaça ao “culto pessoal”²⁹ da dinastia Kim e do regime. No Paquistão, a oposição crescente a propostas de mudança das controversas leis da blasfémia, que ameaçam os grupos minoritários em particular, foi justificada pelos extremistas determinados em tornar o país num estado totalmente islâmico. Em Maio de 2018, Ahsan Iqbal, ministro federal do Interior, escapou por pouco à morte quando foi atingido a tiro, alegadamente por Abid Hussain. O incidente ocorreu pouco depois de Iqbal – conhecido pela sua defesa dos direitos dos grupos religiosos

minoritários – ter visitado uma comunidade cristã no seu círculo eleitoral de Narowal, província de Punjab. Explicando os seus motivos, Hussain disse que tinha agido para defender as leis da blasfémia.³⁰ No Tajiquistão, suspeitas governamentais sobre as chamadas influências religiosas estrangeiras resultaram em medidas opressoras, atingindo as comunidades muçulmanas em particular. Em Agosto de 2017, uma alteração à lei passou a exigir que as mulheres tadjiques usem vestuário nacional e sigam a cultura nacional. Só nesse mês, 8.000 mulheres muçulmanas foram mandadas parar por estarem a usar o véu islâmico. Muitas tinham recebido mensagens de telemóvel a dizer-lhes que não usassem o véu.³¹ Num esforço para limitar a influência estrangeira, os imãs formados no estrangeiro foram substituídos, em Novembro de 2017, por clérigos mais “favoráveis”.³²

Durante o período em análise, uma grande ofensiva militar contra os muçulmanos rohingya por parte do regime nacionalista de Mianmar (Birmânia) fez manchete nos jornais. Com início em Setembro de 2017 e prolongando-se por nove meses, quase 700.000 pessoas fugiram de Mianmar para o vizinho Bangladesh, juntando-se aos 200.000 que já ali estavam.³³ Este êxodo em massa seguiu-se a “grandes ofensivas militares”³⁴ em 2016 e 2017, com 354 aldeias alegadamente incendiadas em quatro meses³⁵ (**ver Caso de Estudo – MIANMAR (BIRMÂNIA): Rohingya fogem da violência, da violação e da discriminação em massa**). A crise foi descrita como uma “limpeza étnica” pelo Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos.³⁶ Isto surgiu ao mesmo tempo que relatos demonstravam claramente que, apesar de haver também factores étnicos e políticos, o ódio religioso tinha desempenhado um grande papel na violência contra um povo presente há séculos em Mianmar.

Uma diferença significativa marca o caso dos rohingya dos outros casos de ultra-nacionalismo acima referidos. Enquanto os rohingya receberam considerável – e proporcional – atenção mediática e preocupação dos governos internacionais, as situações acima descritas não geraram níveis semelhantes de envolvimento das agências noticiosas. Embora os casos em questão sejam diferentes,

²⁴ Victoria Arnold, ‘RUSSIA: Jehovah’s Witnesses banned, property confiscated’, *Forum 18*, 20 de Abril de 2017, http://www.forum18.org/archive.php?article_id=2274 (acedido a 24 de Junho de 2018).

²⁵ Patrick Kingsley, ‘Turkey’s Alevis, a Muslim Minority, Fear of Policy Denying Their Existence’, 22 de Julho de 2018 <https://www.nytimes.com/2017/07/22/world/europe/alevi-minority-turkey-recep-tayyip-erdogan.html> (acedido a 24 de Junho de 2018).

²⁶ Turkey country report, *International Religious Freedom Report for 2017*, US State Depart. Bureau of Democracy, Human Rights and Labor, <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper> (acedido a 24 de Junho de 2018).

²⁷ Turkey ‘Where persecution comes from’, *Open Doors*, <https://www.opendoorsusa.org/christian-persecution/world-watch-list/turkey/> (acedido a 24 de Junho de 2018).

²⁸ Claire Evans, ‘State Rhetoric Increases Challenges Facing Turkish Christians’, *Persecution – International Christian Concern*, 19 de Junho de 2018, <https://www.persecution.org/2018/06/19/state-rhetoric-increases-challenges-facing-turkish-christians/> (acedido a 24 de Junho de 2018).

²⁹ Report of the Commission of Inquiry on Human Rights in the Democratic People’s Republic of Korea, United Nations Human Rights Council, <http://www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/CoIDPRK/Pages/ReportoftheCommissionofInquiryDPRK.aspx> (acedido a 9 de Junho de 2018).

³⁰ ‘Gunman shoots Pakistan minister over blasphemy law’, *World Watch Monitor*, 9 de Maio de 2018, <https://www.worldwatchmonitor.org/coe/gunman-shoots-pakistan-minister-over-blasphemy-law/> (acedido a 6 de Julho de 2018).

³¹ ‘You’ve Got Veil: Millions Of Text Messages Remind Tajiks To Obey New Dress Code’, *Radio Free Europe/Radio Liberty*, 6 de Setembro de 2017, <https://www.rferl.org/a/tajikistan-text-messages-remind-obey-new-dress-code-hijab/28720266.html> (acedido a 6 de Fevereiro de 2018).

³² ‘Dushanbe cracks down on extremism, dismisses foreign-trained imams’, *AsiaNews*, 8 de Novembro de 2017, <http://www.asianews.it/news-en/Dushanbe-cracks-down-on-extremism-dismisses-foreign-trained-imams-42270.html> (acedido a 28 de Fevereiro de 2018).

³³ Bureau of Democracy, Human Rights and Labor, “Burma”, *International Religious Freedom Report for 2017*, US State Department, <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper> (acedido a 25 de Junho de 2018).

³⁴ Ben Rogers, Burma (Myanmar) country report, *Religious Freedom in the World 2018 report*, Aid to the Church in Need, November 2018.

³⁵ Bureau of Democracy, Human Rights and Labor, “Burma”, *International Religious Freedom Report for 2017*, US State Department, <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper> (acedido a 25 de Junho de 2018).

³⁶ “Burma Chapter – 2018 Annual Report”, US Commission on International Religious Freedom, <http://www.uscifr.gov/reports-briefs/annual-report-chapters-and-summaries/burma-chapter-2018-annual-report> (acedido a 25 de Junho de 2018).



CASO DE ESTUDO **MIANMAR (BIRMÂNIA)**

ROHINGYA FOGEM DA VIOLÊNCIA, DA VIOLAÇÃO E DA DISCRIMINAÇÃO EM MASSA

Outubro de 2017: Mais de meio milhão de rohingya fugiram do estado de Rakhine no norte e atravessaram a fronteira de Mianmar (Birmânia) para o Bangladesh ao longo de um período de três meses, de acordo com o ACNUR. Os rohingya são predominantemente muçulmanos, embora haja também alguns hindus entre eles.

Os relatos afirmam que as autoridades lançaram uma contraofensiva depois de rebeldes do Exército de Salvação Arakan Rohingya terem atacado mais de 30 esquadras de polícia no norte de Rakhine, em Agosto. Muitos rohingya mais velhos condenaram as táticas de violência do grupo. Fontes oficiais de Mianmar afirmam que quase 400 rebeldes e 13 membros das forças de segurança morreram. Em resposta a isto, as tropas alegadamente raptaram e mataram civis e incendiaram aldeias inteiras.

A Constituição de Mianmar concede uma “posição especial” ao Budismo, ao mesmo tempo que reconhece outras religiões, incluindo o Islamismo e o Hinduísmo. A Constituição acrescenta ainda: “O abuso da religião para fins políticos é proibido.” Mas os rohingya não são uma minoria reconhecida e a perspectiva oficial dos militares mianmarenses é de que eles são imigrantes ilegais do Bangladesh ou seus descendentes.



Estudos de activistas dos direitos humanos sublinharam que a dimensão do tratamento discriminatório contra os rohingya de Mianmar inclui a recusa da nacionalidade e restrições ao casamento. Pode levar até dois anos para obter aprovação e qualquer casal que tente casar sem aprovação pode ser detido. Ao casar, os rohingya são obrigados a assinar um documento afirmando que não vão ter mais de dois filhos. Muitos rohingya não têm direitos de terras e sofrem rotineiramente trabalhos forçados, trabalhando um dia por semana em projectos militares ou governamentais. Os budistas na região não são habitualmente obrigados a fazer estes trabalhos. Os rohingya também não conseguem viajar livremente e os que tentam deixar o país são sujeitos a intimidação e espancamentos por parte das forças de segurança mianmarenses, antes de os deixarem sair e de lhes ser dito que não regressem.

Fontes: Reuters, 7 e 22 de Setembro de 2017; *All You Can Do is Pray: Crimes Against Humanity and Ethnic Cleansing of Rohingya Muslims in Burma's Arakan State* (Human Rights Watch, 2013); Allard K. Lowenstein International Human Rights Clinic, Yale Law School), *Persecution of the Rohingya Muslims: Is Genocide occurring in Myanmar's Rakhine State? A Legal Analysis* (Fortify Rights, Outubro de 2015); *Al Jazeera*, 18 de Abril de 2018.



CASO DE ESTUDO IRAQUE

DERROTA DE EXTREMISTAS ANUNCIA REABILITAÇÃO DA CIDADE

Junho de 2018: Quando Qaraqosh, a última cidade com maioria cristã no Iraque, caiu nas mãos do Daesh (ISIS) em 2014, muitos rezearam que não houvesse mais futuro para os cristãos do país. Contudo, em Junho de 2018, não só os extremistas militantes foram expulsos, como novos dados mostram que quase metade dos habitantes da cidade já regressaram.

As estatísticas, produzidas pela organização católica Ajuda à Igreja que Sofre (AIS) em conjunto com o Comité de Reconstrução de Nínive, com o apoio de comunidades locais da Igreja, revelaram que 25.650 cristãos regressaram a Qaraqosh.

Os números também mostram que, das 6.826 casas danificadas em Qaraqosh, 2.187 foram restauradas com a ajuda da AIS e de outras organizações, o que corresponde a mais de um terço.

O regresso das famílias teve um pico em Agosto de 2017, com os pais ansiosos por garantir um lugar na escola para os seus filhos.

O restauro das escolas de Qaraqosh não teve o mesmo destino das escolas das aldeias próximas. Stephen Rasche, da Arquidiocese Caldeia Católica de Erbil, disse numa audiência na Câmara dos Representantes dos EUA que as chamadas escolas “concluídas” em Teleskov e Batnaya, de maioria cristã, não podiam ser usadas. Apenas tinham recebido “uma fina camada de pintura nas paredes exteriores, com logótipos recém-estampados da UNICEF de nove em nove metros”.

Destacando os passos para a reabilitação de Qaraqosh e outros lugares, o coordenador de projectos para o Médio Oriente da AIS, Padre Andrzej Halemba, sublinhou mesmo assim os desafios que tem pela frente: “Juntamente com a construção material das casas e igrejas, há uma questão fundamental que deve ser reparada nesta zona: a coexistência. Para que isto aconteça, cristãos e muçulmanos devem trabalhar em conjunto para tornar o Iraque num país unido, que é capaz de se levantar das cinzas trazidas pelo Daesh.”

Fontes: ACN News, 21 de Agosto de 2017; *Washington Free Beacon*, 4 de Outubro de 2017; *Hope on the Horizon: Can Iraq's Christians go home?* Relatório de benfeitores da AIS do Reino Unido (Março de 2017); informação adicional do Comité de Reconstrução de Nínive (<https://www.nrciraq.org/>).

a frequência e a gravidade dos ataques na Índia e o clima de repressão renovada sobre as minorias na China e na Rússia aumentaram drasticamente, mas não foram suficientemente reportadas nas notícias. Quando circulou um vídeo *online* a mostrar um líder nacionalista hindu influente a dizer aos cristãos que se fossem embora ou então enfrentariam a “expulsão pela força”,³⁷ uma publicação católica de renome descreveu-a como “a história mais ignorada da semana”, referindo como o filme também regista o clérigo radical e 20 apoiantes a pisarem imagens do Papa Francisco.³⁸ O impacto desta óbvia indiferença internacional não pode ser sobrestimado, pois o desinteresse contribui activamente para o problema, sendo dados poucos ou nenhuns passos para responsabilizar os governos em questão. Estes incidentes apontam para a emergência de uma divisão cultural: por um lado, no Ocidente, há uma ignorância e uma falta de preocupação com as violações da liberdade religiosa; por outro, na Ásia e noutras partes do mundo, as questões da religião são centrais e fundamentais. Esta divisão é tão marcada que podemos concluir que **há uma barreira de indiferença, uma cortina cultural, por trás da qual o sofrimento de comunidades inteiras de grupos religiosos minoritários passa totalmente despercebido. Daí que, com notáveis exceções, a iliteracia religiosa e a apatia ceguem o Ocidente em relação à violência ultra-nacionalista, que está a ser perpetrada contra grupos religiosos minoritários.** Esta indiferença cega não se estende às questões raciais, culturais ou de género, apenas à religião. Este relatório apela a que o sofrimento das minorias religiosas ignoradas seja reconhecido e que sejam tomadas medidas para defender os seus direitos.

Durante o período em análise, houve contudo vislumbres de esperança. Em meados de 2018, houve situações no norte do Iraque que, dois anos antes, eram impensáveis até junto dos membros mais optimistas das minorias religiosas em questão. Em Junho de 2018, os relatos mostraram que 25.650 cristãos tinham regressado à cidade de Qaraqosh nas Planícies de Nínive.³⁹ Isto representou quase 50% do número total de pessoas a viver em Qaraqosh em 2014, quando estas pessoas tinham fugido às forças do Daesh (ISIS) vindas da vizinha Mossul, a segunda cidade do Iraque (**ver Caso de Estudo – IRAQUE: Derrota de extremistas anuncia reabilitação da cidade**). No início do período em análise, meados de 2016, não havia sinais imediatos de que a ocupação do Daesh na região iria terminar uns meses mais tarde. Quando os rebeldes foram expulsos, a devastação que deixaram atrás de si significava que o desejo de voltar era literalmente inexistente entre as comunidades deslocadas para Erbil, a capital curda semiautónoma do Iraque.⁴⁰ Apesar de a taxa de regresso ser particularmente marcante em Qaraqosh, quando comparada com muitas vilas e aldeias vizinhas também afectadas, a sua importância como a maior cidade de maioria

cristã no Iraque não pode ser sobrestimada. De qualquer forma, as vilas e aldeias yazidis e cristãs incluindo Bartela, Karamles e Teleskof testemunharam todas um aumento considerável dos números de deslocados que regressaram, desejosos de voltarem a residir nas casas recém-reparadas e reconstruídas por organizações cristãs e por alguns, poucos, governos estrangeiros simpatizantes.⁴¹ Este trabalho de reabilitação foi feito sobretudo por obras de caridade e organizações religiosas. Se não tivessem dado esta assistência, a comunidade Cristã na região poderia ter desaparecido por completo. **Os governos ocidentais, a quem foram feitos apelos de assistência urgente, desiludiram muito as comunidades em questão.** Cristãos e yazidis foram reconhecidos como vítimas de genocídio – obviamente merecedor de ajuda – e os acontecimentos mostraram que havia meios viáveis para o fazer.

O rápido retrocesso do território dominado pelo Daesh – não apenas no Iraque mas também na Síria – foi espelhado por perdas semelhantes sentidas por outros grupos hiper-extremistas,⁴² incluindo o Boko Haram no norte da Nigéria. Não só o Boko Haram perdeu a maior parte do seu território, mas também sofreu derrotas, em grande medida, na sua pátria, Maiduguri, no nordeste do país.

Em termos globais, a recuperação de quase todo o território dominado por grupos hiper-extremistas representou uma vitória para a liberdade religiosa. A comunicação social deu a devida importância a este desenvolvimento de significado internacional, como testemunhado pela cobertura mediática da libertação de Marawi nas Filipinas ao Daesh, em Outubro de 2017 (**ver Caso de Estudo – FILIPINAS: Sacerdote e funcionários da catedral raptados**). Apesar disso, este *Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo 2018* considera que as **agências noticiosas ignoraram o crescimento da violência religiosa levada a cabo por outros grupos islamitas militantes, que até certo ponto preencheram o vazio deixado pelos hiper-extremistas.** Este foi certamente o caso no Egipto, onde os cristãos coptas continuaram a estar sob ataque dos extremistas (**ver Caso de Estudo – EGIPTO: Extremistas matam 29 peregrinos cristãos coptas**). Na Nigéria, pastores islamitas militantes *fulani* atacaram comunidades cristãs no Middle Belt, massacrando pessoas, destruindo os seus modos de vida e deixando inúmeras pessoas a recear pela sua vida. Fundamental para a violência *fulani* foram os esforços desesperados dos pastores para “confiscar...terra arável”⁴³ para usarem como pastagem para o seu gado; as questões étnicas que os separam dos cristãos e de outros grupos desempenharam sem dúvida um papel nesta situação. Contudo, a natureza da violência – incluindo os ataques a cristãos em oração – sublinhou o significado crescente dos motivos religiosos (**ver Caso de Estudo – NIGÉRIA: Católicos assassinados por militantes durante a Missa**). Uma vez mais, uma conclusão fundamental deste relatório é a incapacidade

³⁷ Linda Lowry, ‘Hindu leader demands all Christians leave India in publicised video’, *Open Doors*, 1 de Junho de 2018, <https://www.opendoorsusa.org/christian-persecution/stories/hindu-leader-demands-all-christians-leave-india-in-publicized-video/> (acedido a 1 de Junho de 2018).

³⁸ *Catholic Herald*, 15 de Junho de 2018, p. 6.

³⁹ Pe. Andrzej Halemba, ‘Church properties interim report’ – ACN Nineveh Plains projects update, *Aid to the Church in Need*, 9 de Junho de 2018.

⁴⁰ John Pontifex, ‘Iraqi Christians start journey home to their ancient homeland-d3wlm62xj’ (acedido a 25 de Junho de 2018).

⁴¹ ‘Nineveh Plains Reconstruction Process’, Nineveh Reconstruction Committee (NRC), <https://www.nrciraq.org/reconstruction-process/> (acedido a 25 de Junho de 2018).

⁴² ‘Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo 2016, AIS, Sumário Executivo.

⁴³ Murcadha O Flaherty and John Pontifex, ‘NIGERIA: Fears of ‘jihadist crusade’ deepen after Christians are shot dead’, *ACN UK News*, 13 de Abril de 2018, <https://acnuk.org/news/64284/> (acedido a 11 de Julho de 2018).



CASO DE ESTUDO FILIPINAS

SACERDOTE E FUNCIONÁRIOS DA CATEDRAL RAPTADOS

Maio de 2017: O Padre Teresito ‘Chito’ Soganob, Vigário-Geral de Marawi, e funcionários da Catedral de Santa Maria foram raptados por extremistas islamitas militantes.

A Catedral de Santa Maria foi seriamente danificada pelos extremistas, que se filmaram a si próprios a profanar o edifício. O rapto do Padre Soganob ocorreu no início do cerco de Marawi, que continuou até Outubro de 2017. Militantes do *Maute*, filiados no Daesh (ISIS), desempenharam um papel principal num conflito que envolveu outros jihadistas.

Durante o seu quarto mês de cativeiro, o Padre Soganob testemunhou a decapitação de outros reféns cristãos. Os militantes também forçaram o sacerdote e outros reféns a converterem-se ao Islamismo e a transportarem armas durante o cerco. Depois da libertação do Padre Soganob e de outros raptados na mesma altura, o Bispo Edwin de la Peña, de Marawi, disse que a sua conversão não tinha sido uma “conversão válida” pois tinha sido feita sob coacção.

Na altura em que terminou a ocupação do *Maute*, o número de mortes incluía 974 militantes, 168 funcionários governamentais e 87 civis. Milhares de famílias foram deslocadas, na mais longa batalha urbana nas Filipinas desde a Segunda Guerra Mundial.

O Bispo de la Peña disse que o cerco *maute* de Marawi tinha dividido a comunidade muçulmana local. Alguns muçulmanos desafiaram os extremistas abrigando cristãos. Na sequência da violência, o Bispo afirmou que a prioridade da Igreja era reconstruir a confiança na cidade. Os passos para reparar as relações entre diferentes comunidades religiosas incluem ajuda de emergências aos deslocados, envio de estudantes universitários para visitar os deslocados e dar apoio e um novo centro de reabilitação para ajudar cristãos e muçulmanos raptados por extremistas.

Fontes: *Aid to the Church in Need (UK) News*, 19 de Abril de 2018; *Philippine Daily Inquirer*, 4 de Julho de 2017; *Asia News*, 13 de Janeiro de 2018.



Família e amigos no funeral dos peregrinos cristãos coptas mortos pelo Daesh, na Província de Minya.



CASO DE ESTUDO **EGIPTO**

EXTREMISTAS MATAM 29 PEREGRINOS CRISTÃOS COPTAS

Maio de 2017: Militantes islamitas mataram a tiro 29 cristãos coptas, incluindo crianças, quando estes se recusaram a converter ao Islamismo. Os peregrinos tinham viajado para o Mosteiro de S. Samuel, O Confessor, em Maghagha, na província egípcia de Minya, quando os seus veículos foram mandados parar por homens armados com máscaras. Os extremistas obrigaram os peregrinos a sair dos veículos um a um e insistiram que eles renunciassem à sua fé.

Mina Habib, com 10 anos, descreveu ter visto homens armados islamitas a matarem o seu pai e muitos dos passageiros do camião onde viajavam. Mina disse: “Eles pediram a identificação ao meu pai e depois disseram-lhe para recitar a profissão de fé muçulmana. Ele recusou-se, dizendo que era cristão. Eles mataram-no a tiro e fizeram o mesmo com todos os outros que estavam connosco...” Mina e o seu irmão não sabem porque é que não foram mortos, apesar de muitas das outras crianças no grupo de peregrinos terem sido mortas.

O Daesh (ISIS) reivindicou a responsabilidade pelo massacre. Mina disse à agência noticiosa *Reuters* que cerca de 15 homens armados realizaram a chacina. E disse ainda: “Eles tinham sotaque egípcio como nós e todos usavam máscaras, excepto dois... Eram parecidos connosco e não usavam barbas.”

Os ataques realizados por grupos islamitas militantes no Egipto não se restringiram aos Cristãos. Na sexta-feira, 24 de Novembro de 2017, pelo menos 235 pessoas foram mortas quando cerca de 25 militantes detonaram explosivos e dispararam sobre uma mesquita sufi cheia de gente perto da costa do Sinai Egípcio durante as orações. Nenhum grupo reivindicou formalmente a responsabilidade, mas foi visto um militante a segurar uma bandeira do Daesh durante o ataque.

Fontes: *The National* (EAU), 26 de Maio de 2017; *Reuters*, 20 de Junho de 2017.



CASO DE ESTUDO NIGÉRIA

CATÓLICOS ASSASSINADOS POR MILITANTES DURANTE A MISSA

Abril de 2018: Dois sacerdotes e 17 paroquianos foram mortos quando pastores *fulani* militantes islamitas invadiram uma igreja durante a Missa na Diocese de Makurdi, na zona central da Nigéria.

O Padre Joseph Gor e o Padre Felix Tyolaha estavam entre os que morreram quando os *fulani* atacaram durante a Missa, ao início da manhã, na Igreja de Santo Inácio, em Ukpok-Mbalon, no estado de Benue.

Perante um aumento dos *ataques* dos *fulani*, o Governador de Benue, Samuel Ortom, disse, durante o funeral das vítimas a 22 de Maio, que só naquele estado tinham sido mortas 492 pessoas.

As avaliações da violência destacaram diferenças étnicas entre cristãos e *fulanis* e disputas sobre as pastagens do gado dos pastores, mas a religião parece estar a tornar-se num factor cada vez mais importante.

O Padre Alexander Yeyock, pároco da Igreja de São João, em Asso, disse após a violência *fulani* na Semana Santa de 2018 que matou dois dos seus fiéis: “O ataque tem duas dimensões. A primeira é islamizar a comunidade cristã. A segunda dimensão é que os pastores *fulani* querem confiscar a nossa terra arável para as transformar em pastagens.”

O Bispo Wilfred Chikpa Anagbe de Makurdi disse à AIS: “Há uma agenda clara, um plano para islamizar todas as áreas que actualmente são predominantemente cristãs na zona central do país.”

Os Bispos Nigerianos emitiram uma declaração com palavras muito fortes a condenar os ataques e, uma vez mais, apelaram a que o Governo federal proteja as vidas.

Fontes: *Aid to the Church in Need (UK) News*, 13 de Abril de 2018, 21 de Maio de 2018, Governador Samuel Ortom, Conferência Episcopal Católica da Nigéria, 26 de Abril de 2018.

da comunidade internacional para reconhecer a dimensão do problema, a acrescentar à inação das autoridades nos países em questão. O problema foi tão grave que os Bispos da Nigéria pediram ao Presidente do país que “considere demitir-se” enquanto “as agências de segurança fecham deliberadamente os olhos aos gritos... dos cidadãos indefesos que permanecem sentados em casa... e mesmo nos seus locais de culto sagrados”.⁴⁴ Um bispo avisou a comunidade internacional: “Por favor, não façam o mesmo erro que foi feito com o genocídio no Ruanda.”⁴⁵

Os acontecimentos na Nigéria durante o período em análise mostraram evidências não apenas de renovada violência islamita, mas também de esforços concertados para propagar o extremismo, por meios agressivos. Na Somália, islamitas do Al-Shabaab ganharam posição, impondo graves violações dos direitos humanos em áreas sob o seu controlo, incluindo o apedrejamento de pessoas.⁴⁶ No Níger surgiram inúmeros centros wahabi.⁴⁷ O ponto crítico de violência na Nigéria – o Middle Belt – é predominantemente cristão e os observadores de direitos humanos sugeriram que a acção militante se destinava a alcançar a imposição do estilo wahabi do Islamismo. Os líderes religiosos sugeriram que os atacantes eram “jihadistas vindos de fora e que pretendiam ser pastores, financiados por pessoas de certas zonas para alcançarem uma agenda [islamita]”.⁴⁸ A prová-lo, os comentadores referiram a mudança para melhores armas, tendo passado de arcos e flechas para AK-47 e outro arsenal altamente tecnológico. O presidente da *Christian Association of Nigeria*, o Padre Otuekong Ukot, foi mais longe, implicando parte do Governo na violência e dizendo que os extremistas queriam islamizar a totalidade da Nigéria até 2025. Ukot disse que os massacres no Middle Belt mostravam que os militantes tinham “agora avançado para outras partes da Nigéria para alcançarem o seu objectivo”.⁴⁹

Noutras partes de África, a tentativa de expansão do Islamismo pode não ter sido agressiva, mas não foi menos ambiciosa. Os relatórios mostram uma variedade de iniciativas destinadas ao domínio islamita, subornando pessoas para que se convertam e adiram à causa extremista, oferecendo-lhes cursos gratuitos sobre wahabismo e outros movimentos radicais, e construindo mesquitas umas atrás das outras, independentemente da necessidade. Em Madagáscar, um país predominantemente Cristão, o Cardeal Désiré Tzarahazana, de Toamasina, destacou uma mudança radical no país. E advertiu para a forma como o

“Islamismo extremista” estava a ser importado para Madagáscar, alegando que grupos radicais estavam “a comprar pessoas”, e citando planos para a construção de mais de 2.600 mesquitas no país. O Cardeal, que também é presidente da Conferência Episcopal Católica de Madagáscar, esclareceu que esta não era uma mudança para o Islamismo a partir de dentro, mas sim resultante do trabalho de grupos radicais de fora. Numa entrevista à AIS, disse: “O crescimento do Islamismo é palpável. Pode ver-se em todo o lado. É uma invasão, com dinheiro dos estados do Golfo e do Paquistão, que compram as pessoas.”⁵⁰

Uma constatação importante revelada por investigações ao Islamismo militante mostrou o grau de violência a que as mulheres são sujeitas no processo de conversão forçada. Sob o domínio do Daesh (ISIS) e de outros grupos hiper-extremistas, houve uma tentativa sistemática de mudar a demografia da população, com o Daesh a forçar mulheres não muçulmanas a converterem-se e a casarem, para poderem criar mais crianças de acordo com a sua visão do Islamismo. Noutros casos mesmos extremos, as investigações mostraram casos periódicos de homens muçulmanos que tiveram filhos de mulheres que eles raptaram, converteram à força e com quem depois casaram. Neste caso, os motivos, por contraste, não eram necessariamente puramente religiosos (**ver Informação de fundo – Violência sexual e conversão forçada de mulheres i) Nigéria, Síria e Iraque e ii) Egipto e Paquistão**).

Este *Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo 2018* concluiu que a militância de certas partes da comunidade muçulmana não é de modo nenhum apenas uma ameaça para as pessoas que não seguem o Islamismo. As provas demonstram claramente que a tensão e violência fazem parte de um conflito crescente dentro do Islamismo no qual a expansão e o domínio opuseram sunitas contra xiitas. De facto, um académico disse que o confronto é “o mais mortífero e irresolúvel conflito no Médio Oriente e que ocorre entre muçulmanos”.⁵¹ Até que ponto o conflito tem origem em questões de dogma religioso está aberto à discussão. Muitos referiram a exploração económica e política e concluíram que “não foram as diferenças teológicas que levaram ao recente derramamento de sangue...”⁵² Apesar disso, a expansão da luta de poder entre os blocos sunita e xiita – e os seus aliados internacionais – está sem sombra de dúvida a intensificar o confronto (**ver Caso de Estudo – AFGANISTÃO: Muçulmanos xiitas bombardeados por extremistas sunitas**).

⁴⁴ Murcadha O Flaherty e John Pontifex, ‘NIGERIA: Bishops – President should resign for inaction over “killing fields and mass graveyard”’, *ACN UK News*, 30 de Abril de 2018 <https://acnuk.org/news/bishops-president-should-resign-for-inaction-over-nigerias-killing-fields-and-mass-graveyard/> (acedido a 25 de Junho de 2018).

⁴⁵ Murcadha O Flaherty, ‘NIGERIA: Bishop – Threat of genocide against Christians’, *ACN UK News*, 28 de Junho de 2018, <https://acnuk.org/news/nigeria-bishop-threat-of-genocide-against-christians/> (acedido a 6 de Julho de 2018).

⁴⁶ ‘Somalia’s al Shabaab stones woman to death for cheating on husband’, *Reuters*, 26 de Outubro de 2017, <https://www.reuters.com/article/us-somalia-violence/somalias-al-shabaab-stones-woman-to-death-for-cheating-on-husband-idUSKBN1CV302> (acedido a 12 de Maio de 2018); ‘Somali woman ‘with 11 husbands’ stoned to death by al-Shabab’, *BBC*, 9 de Maio de 2018, <http://www.bbc.com/news/world-africa-44055536> (acedido a 12 de Maio de 2018).

⁴⁷ Bureau of Democracy, Human Rights and Labor, ‘Niger’, *International Religious Freedom Report for 2016*, US State Department, <https://www.state.gov/j/drl/rls/irf/religiousfreedom/index.htm#wrapper> (acedido a 31 de Março de 2018).

⁴⁸ ‘Fulani Herdsmen Are Imported Jihadists Sponsored To Islamise Nigeria – Bishop Oyedepo Warns’, *NaijaGists.com*, 27 de Julho de 2017, <https://naijagists.com/fulani-herdsmen-imported-jihadists-sponsored-islamise-nigeria-bishop-oyedepo-warns/> (acedido a 7 de Julho de 2018).

⁴⁹ Emeka Okafor, ‘We Have Uncovered Plans to Islamise Nigeria By 2025 – CAN’, *Independent [Nigeria]*, 8 de Maio de 2018, <https://independent.ng/we-have-uncovered-plans-to-islamise-nigeria-by-2025-can/> (acedido a 7 de Julho de 2018).

⁵⁰ Murcadha O Flaherty and Amélie de la Hougue, *ACN News*, 15 de Junho de 2018, ‘New Cardinal highlights threat of ‘extremist Islam’ from abroad’ <https://acnuk.org/news/madagascar-new-cardinal-highlights-threat-of-extremist-islam-from-abroad/> (acedido a 25 de Junho de 2018).

⁵¹ Dr Mordechai Kedar, ‘The Most Deadly Middle East Conflict is Shia vs. Sunni’, *Arutz Sheva*, 21 de Novembro de 2013, www.israelnationalnews.com/Articles/Article.aspx/14132 (acedido a 7 de Julho de 2018).

⁵² John McHugo, ‘Don’t blame the faith: it’s the politics’, *The Tablet*, 7 de Julho de 2018, pp. 4-6.

INFORMAÇÃO DE FUNDO

Violência sexual e conversão forçada de mulheres: i) Nigéria, Síria e Iraque

Por Marta Petrosillo

Os grupos islamitas militantes em África e no Médio Oriente usaram frequentemente a violação como arma de guerra. A violência sexual sistemática pode ser uma ferramenta poderosa quando um grupo tenta oprimir outro.

Muitos jihadistas violam mulheres não muçulmanas e forçam-nas a converter-se. A conversão forçada de uma mulher a outro grupo religioso significa que os seus filhos vão ser criados no Islamismo extremista dos jihadistas e que a escravização sexual das mulheres pelo agressor também impede os nascimentos dentro do grupo religioso da mulher.¹

As gravidezes e conversões forçadas são igualmente uma forma de garantir ‘a próxima geração de jihadistas’. Em Dezembro de 2014, o Daesh (ISIS) divulgou um panfleto que explicava aos seus seguidores que é “admissível” ter relações sexuais com escravas não muçulmanas, incluindo jovens raparigas, espancá-las e comercializá-las.² Esta é uma explicação para o que foi feito a milhares de mulheres yazidi e de outras minorias religiosas no chamado Califado estabelecido pelo Daesh no Iraque e na Síria.

No norte da Nigéria, o grupo Boko Haram ligado ao Daesh usou o rapto de mulheres cristãs no âmbito do esforço de forçar os cristãos a abandonarem o norte. Um porta-voz do Boko Haram afirmou: **“Vamos pôr em acção novos esforços para explorar o medo do poder do Islão entre os cristãos raptando as suas mulheres”**.³ De acordo com Makmid Kamara, da Amnistia Internacional, as que foram raptadas pelo Daesh sofreram “abusos horríveis”, incluindo violação.⁴

O caso mais conhecido é o do rapto de 276 alunas, maioritariamente cristãs, que foram raptadas de uma escola secundária pública na vila de Chibok, no estado de Borno, na noite de 14 para 15 de Abril de 2014. Muitas alunas não muçulmanas foram forçadas a converter-se ao Islamismo e a casar com membros do Boko Haram. A 5 de Maio desse mesmo ano, o Boko Haram divulgou um vídeo que mostrava algumas das raparigas a usar vestuário islâmico. Nos anos seguintes, várias raparigas conseguiram escapar, enquanto outras foram libertadas após negociações: mais de 100 estão já em liberdade, sendo que 82 foram libertadas, em Maio de 2017 em troca de cinco combatentes do Boko Haram. De acordo com a ONU: “As raparigas relatam que foram sujeitas a violações – frequentemente sob a forma de ‘casamentos’ forçados – espancamentos, intimidação e fome, durante o período em cativeiro. Muitas regressaram grávidas ou com bebés devido a terem sido violadas.”⁵



¹ Cf. Convenção para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio, secção 2.

² Hala jabber, “Isis issues guide to raping child slaves”, *Sunday Times*, 14 de Dezembro de 2014, <https://www.thetimes.co.uk/article/isis-issues-guide-to-raping-child-slaves-zdq0mf95scb> (acedido a 1 de Agosto de 2018).

³ “Boko Haram threatens to kidnap Christian women in Nigeria”, Barnabas Fund, 9 de Março de 2012, <https://www.barnabasfund.org/en/news/BokoHaramthreatenstokidnapChristianwomeninNigeria> (acedido a 31 de Julho de 2018).

⁴ “Nigeria: Chibok anniversary a chilling reminder of Boko Haram’s ongoing scourge of abductions”, Amnistia Internacional, 13 de Abril de 2017, <https://www.amnesty.org/en/latest/news/2017/04/nigeria-chibok-anniversary-a-chilling-reminder-of-boko-harams-ongoing-scourge-of-abductions/> (acedido a 1 de Agosto de 2018).

⁵ “Girls held by Boko Haram need support to rebuild shattered lives”, UNICEF Nigeria Media Centre, 18 de Outubro de 2016, https://www.unicef.org/nigeria/media_10782.html (acedido a 31 de Julho de 2018).



Foto: Masoud Hossaini/AP Photo/Shutterstock

CASO DE ESTUDO AFGANISTÃO

MUÇULMANOS XIITAS BOMBARDEADOS POR EXTREMISTAS SUNITAS

Abril de 2018: Um bombista suicida do Daesh (ISIS) atacou muçulmanos xiitas que estavam juntos num centro de registo eleitoral na capital, Cabul, matando pelo menos 57 pessoas e ferindo mais de 100. Entre os mortos havia 22 mulheres e oito crianças. Uma família de seis pessoas foi também morta nesse dia quando o seu veículo embateu contra uma bomba na berma da estrada perto de outro centro eleitoral na cidade de Baghlan's Pul-e-Khumri.

Uma declaração da ONU a condenar o ataque em Cabul confirmou que vários incidentes violentos ocorreram nos centros de registo e que a bomba explodiu no bairro xiita muito povoado de Dasht-e-Barchi, na zona oeste da cidade. O presidente afegão Ashraf Ghani escreveu no Twitter: “Condeno os ataques terroristas hediondos em Cabul e Pul-e-Khumri.”

Esta explosão foi a mais recente numa longa linha de ataques realizados por militantes sunitas contra os xiitas afegãos. No final de Dezembro de 2017, pelo menos 41 pessoas foram mortas e mais de 80 ficaram feridas num ataque suicida à bomba num Centro Xiita, em Cabul.

Os ataques à comunidade muçulmana xiita não se restringem ao Afeganistão ou até ao Médio Oriente. Em Quetta, no Paquistão, onde houve uma série de ataques de militantes sunitas contra xiitas, atacantes não identificados mataram cinco membros da comunidade muçulmana xiita Hazara. O ataque ocorreu em Outubro de 2017. Ataques contínuos fizeram com que a comunidade se retirasse para enclaves altamente protegidos nos arredores da cidade.

Fontes: *US News*, 22 de Abril de 2018; *ABC 7NY News*, 22 de Abril de 2018; *Al Jazeera*, 22 de Abril de 2018, 9 de Outubro de 2017; *BBC News (web)*, 28 de Dezembro de 2017; *New English Review*, 11 de Maio de 2018; *UN Assistance Mission in Afghanistan*, 22 de Abril de 2018; *Telegraph*, 22 de Abril de 2018; *France 24*, 22 de Abril de 2018.

INFORMAÇÃO DE FUNDO

Violência sexual e conversão forçada de mulheres: (ii) Egito e Paquistão

Por Marta Petrosillo

O rapto e a conversão forçada de mulheres de minorias religiosas, frequentemente acompanhados de violação e outra violência sexual, são um grande problema em vários países de particular preocupação em termos de violações dos direitos humanos, sobretudo no Paquistão e no Egito. Estes raptos não seguem um padrão. Alguns são oportunistas, enquanto outros são realizados por grupos organizados. Uma parte significativa deles não são necessariamente motivados exclusivamente pela fé religiosa, mas são sim uma combinação de factores, incluindo nalguns casos incentivos financeiros.

ONG locais no Paquistão calculam que pelo menos 1.000 mulheres cristãs e hindus são raptadas e forçadas a converter-se ao Islamismo e a casar com os seus atacantes todos os anos. No Egito, pelo menos 550 mulheres cristãs com idades entre os 14 e os 40 desapareceram entre 2011 e 2014,¹ e há raparigas a serem raptadas regularmente.

Paquistão

De acordo com o Conselho de Direitos Humanos do Paquistão e o Movimento para a Solidariedade e Paz no Paquistão, os raptos de mulheres estão a aumentar. É frequente as autoridades dizerem aos pais que as raparigas se converteram e casaram de livre vontade. Muitas famílias não reportam o crime ou então retiram o caso da justiça depois de ameaças contra outros membros femininos da família.

No final de Dezembro de 2017, três homens armados raptaram uma rapariga hindu de 14 anos, retirando-a da sua casa na aldeia de Thar, província de Sindh. Disseram ao seu pai que a filha se tinha convertido livremente ao Islamismo e casado com um muçulmano local, Naseer Lunjo. A família insiste que ela foi pressionada.²

Estes raptos fazem parte de um padrão mais alargado de violência sexual contra mulheres de minorias religiosas: sendo mulheres com menos poder perante os tribunais do que as mulheres muçulmanas, são um alvo fácil, pois os violadores sabem que é pouco provável que sejam processados. Se uma mulher não pode provar que a relação sexual ocorreu contra a sua vontade, ela pode ser acusada de adultério e enfrentar a detenção, a flagelação ou mesmo o apedrejamento até à morte.³ Por esta razão, muitas mulheres têm medo de reportar a violência sexual cometida contra elas ou contra os seus familiares.

Egito

Os raptos e casamentos forçados de mulheres cristãs coptas têm acontecido desde a década de 70 e todos os meses são reportados novos casos. Em Abril de 2018, pelo menos sete mulheres foram raptadas.⁴ Em Setembro de 2017, um homem que trabalhava anteriormente para uma rede de raptos revelou que recebia cerca de €2.500 de organizações extremistas por cada rapariga.⁵

Quando as famílias vão à polícia para reportar o desaparecimento das suas filhas ou mulheres, é frequente encontrarem resistência. A polícia pode recusar-se a ajudar, dizendo por vezes às famílias que a mulher raptada se foi embora e se converteu de livre vontade, como foi o caso de Christine Lamie, em Abril de 2018.



¹ Números da Fundação das Vítimas de Rapto e Desaparecimento Forçado (FVAFD).

² "Teenage Hindu girl abducted, forcibly converted in Pakistan: Report", *Indian Express*, 21 de Dezembro de 2017, <http://indianexpress.com/article/pakistan/teenage-hindu-girl-abducted-forcibly-converted-in-pakistan-report-4993480/> (acedido a 4 de Junho de 2018).

³ Ver "Pakistan village 'court' sentences woman to death for adultery for saying she was raped", *Independent*, 30 de Maio de 2017, <https://www.independent.co.uk/news/world/asia/pakistan-village-court-sentence-woman-death-adultery-rape-punjab-sexual-assault-rajapur-a7762801.html> (acedido a 4 de Junho de 2018).

⁴ "Egypt's disappearing Coptic women and girls", *World Watch Monitor*, 1 de Maio de 2018, <https://www.worldwatchmonitor.org/2018/05/egypts-disappearing-coptic-women-and-girls/> (acedido a 4 de Junho de 2018).

⁵ "Egypt: ex-kidnapper admits 'they get paid for every Coptic Christian girl they bring in'", *World Watch Monitor*, 1 de Maio de 2018 <https://www.worldwatchmonitor.org/2017/09/egypt-ex-kidnapper-admits-get-paid-every-copt-christian-girl-bring/> (acedido a 4 de Junho de 2018).

A ameaça do Islamismo militante durante o período em análise alargou-se muito para além da Ásia e da África. Neste período houve um recrudescimento dos ataques terroristas no Ocidente, nomeadamente na Europa. A ameaça foi mais generalizada do que sugerem as aparências, por causa do nível a que a polícia e as forças de segurança conseguiram bloquear as intensões de extremistas militantes.⁵³ Estes ataques, sejam eles em Manchester, Berlim, Barcelona, Paris ou outras cidades, demonstraram que a ameaça do extremismo se tornou agora universal, iminente e sempre presente. Apesar de os motivos destes ataques incluírem preocupações políticas – aparente vingança pela acção militar Ocidental na Síria e noutras zonas –, é frequente eles terem uma dimensão religiosa, com os agressores a expressarem desprezo pela sociedade Ocidental liberal e pelo princípio da liberdade religiosa em geral. Nalguns casos, o alvo dos agressores era o Cristianismo. As investigações aos incidentes do ataque extremista em Las Ramblas, em Barcelona, em Agosto de 2017, revelaram que os islamitas tinham planeado atacar a icónica basílica da Sagrada Família (**Ver Caso de Estudo – ESPANHA: Islamita conduz carrinha contra multidão, matando 15 pessoas**). Muitos dos ataques foram realizados por pessoas que viviam no Ocidente, radicalizadas *online* e extremamente influenciadas pelas redes que recrutam pessoas à margem da sociedade. Muitas delas não viviam muito longe do lugar onde levaram a cabo as suas atrocidades. Considerado como um todo, o período em análise testemunhou a emergência de um fenómeno novo que pode ser descrito como “terrorismo de proximidade”. Alguns dos ataques foram realizados por militantes que regressavam ao Ocidente em grandes quantidades após a derrota do Daesh no Iraque e na Síria. As investigações de analistas de segurança global do *Soufan Centre* estimaram que, em Outubro de 2017, quase 425 britânicos membros do Daesh (ISIS) regressaram ao Reino Unido.⁵⁴

Os ataques no Ocidente e noutras zonas mostraram outra característica do terrorismo de proximidade, nomeadamente, um aumento na violência e na discriminação por motivos religiosos contra o Islamismo. No domingo, 29 de Janeiro de 2017, homens armados entraram no Centro Cultural Islâmico da cidade do Quebec durante as orações da noite e desataram a disparar, matando seis pessoas e ferindo outras 18, naquilo

que o primeiro-ministro Justin Trudeau apelidou de “ataque terrorista”.⁵⁵ Menos de seis meses mais tarde, Darren Osborne atacou a mesquita londrina de Finsbury Park, tendo alegadamente gritado: “Quero matar todos os Muçulmanos”.⁵⁶ Em Março de 2018, Paul Moore, de 21 anos, foi considerado culpado de tentativa de homicídio em Leicester, no Reino Unido. Ao conduzir o seu carro, subiu um passeio e atropelou deliberadamente uma mulher muçulmana que usava um lenço na cabeça, causando ferimentos graves antes de voltar atrás com o carro para atacá-la novamente.⁵⁷ O relatório *European Islamophobia Report 2017* relatou um aumento nos ataques contra muçulmanos, concluindo: “A islamofobia tornou-se num problema grave”.

Essencial para o problema foi o desconforto no Ocidente com a entrada em massa de muçulmanos, especialmente para a Europa, e a comparativamente elevada taxa de nascimentos entre as comunidades muçulmanas⁵⁸ (**ver Informação de fundo – Crise no Islamismo**). Embora muitos países Europeus estejam abertos a migrantes muçulmanos, um estudo da *Chatham House* publicado em Fevereiro de 2017 mostrou que em média 55% de inquiridos de 10 países Europeus disseram que “toda a imigração futura de países maioritariamente muçulmanos deve ser interrompida”.⁵⁹ Na Alemanha, os ataques a refugiados, sobretudo muçulmanos, alegadamente aumentaram de 1.031 em 2015 para mais de 3.500 um ano mais tarde.⁶⁰ Considerado como um todo, o aumento do terrorismo de proximidade ameaça fracturar as sociedades em termos religiosos, potencialmente criando uma cultura de suspeição e desconfiança. Além da violência, cresceram as preocupações com a discriminações contra muçulmanos, com investigações nos EUA a mostrarem que quase 75% dos muçulmanos sentiram que havia “muita discriminação” contra eles no país.⁶¹

Um aspecto importante da preocupação com o crescimento do Islamismo militante no Ocidente foram provas que ligam imigrantes muçulmanos a um aumento do anti-semitismo. Em França, onde a comunidade judaica de cerca de 465.000 membros é a maior na Europa, houve um aumento bem documentado de ataques (**ver Caso de Estudo – FRANÇA: Mulher judia atirada pela janela de terceiro andar**) e de violência contra centros culturais e religiosos judaicos. Em Abril de 2018, o jornal *Le Figaro* publicou uma “declaração” de 300 dignitários franceses, muitos deles

⁵³ Anushka Asthana, ‘Nine terrorist attacks prevented in UK last year, says MI5 boss’, *The Guardian*, 5 de Dezembro de 2017, <https://www.theguardian.com/uk-news/2017/dec/05/nine-terrorist-attacks-prevented-in-uk-in-last-year-says-mi5-boss> (acedido a 24 de Junho de 2018). Em Dezembro de 2017, o director-geral do MI5 Andrew Parker disse ao Governo do Reino Unido que tinham sido realizados cinco ataques terroristas em solo britânico nos 12 meses anteriores, mas que também tinham sido evitados nove ataques.

⁵⁴ Kitty Donaldson, ‘MI5 Chief Warns of Threat to U.K. from Russia, Islamic State’, *Bloomberg*, 14 de Maio de 2018, <https://www.bloomberg.com/news/articles/2018-05-13/u-k-s-mi5-to-say-european-alliances-never-more-crucial-than-now> (acedido a 24 de Junho de 2018).

⁵⁵ Ashifa Kassam and Jamiles Lartey, ‘Quebec City mosque shooting: six dead as Trudeau condemns ‘terrorist attack,’’, *The Guardian*, 30 de Janeiro de 2017, <https://www.theguardian.com/world/2017/jan/30/quebec-mosque-shooting-canada-deaths> (acedido a 7 de Julho de 2018).

⁵⁶ Bonnie Malkin et al., ‘Finsbury Park mosque attack: suspect named as Darren Osborne, 47-year-old who lives in Cardiff – as it happened’, *The Guardian*, 20 de Junho de 2017, <https://www.theguardian.com/uk-news/live/2017/jun/19/north-london-van-incident-finsbury-park-casualties-collides-pedestrians-live-updates> (acedido a 24 de Junho de 2018).

⁵⁷ Hanna Yusuf, ‘Mother who was run over twice by attacker: “I thought I had died”’, *BBC News*, 27 de Março de 2018, <https://www.bbc.co.uk/news/uk-43544115> (acedido a 12 de Julho de 2018).

⁵⁸ Michael Lipka, ‘Muslims and Islam: Key findings in the U.S. and around the world’, *Pew Research Center*, 9 de Agosto de 2017 <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/08/09/muslims-and-islam-key-findings-in-the-u-s-and-around-the-world/> (acedido a 11 de Julho de 2018).

⁵⁹ ‘What Do Europeans Think About Muslim Immigration?’, *Chatham House*, 7 de Fevereiro de 2017, <https://www.chathamhouse.org/expert/comment/what-do-europeans-think-about-muslim-immigration#> (acedido a 11 de Julho de 2018).

⁶⁰ ‘Report reveals increase in anti-Muslim sentiment across Germany’, *Daily Sabah*, 24 de Outubro de 2017, <https://www.dailysabah.com/islamophobia/2017/10/25/report-reveals-increase-in-anti-muslim-sentiment-across-germany> (acedido a 7 de Julho de 2018).

⁶¹ Katayoun Kishi, ‘Assaults Against Muslims in US Surpass 2001 Level’, *Pew Research Center*, 15 de Novembro de 2017, <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/11/15/assaults-against-muslims-in-u-s-surpass-2001-level/> (acedido a 21 de Fevereiro de 2018).

ISLAMITA CONDUZ CARRINHA CONTRA MULTIDÃO, MATANDO 15 PESSOAS

Agosto de 2017: O Islamita militante Younes Abouyaaqoub conduziu uma carrinha a alta velocidade contra a multidão que caminhava em Las Ramblas em Barcelona, matando 15 pessoas e ferindo mais de 120. O marroquino de 22 anos zigzagueou através de uma zona pedonal com o óbvio objectivo de causar o máximo de mortes. O Daesh (ISIS) reivindicou a responsabilidade do ataque.

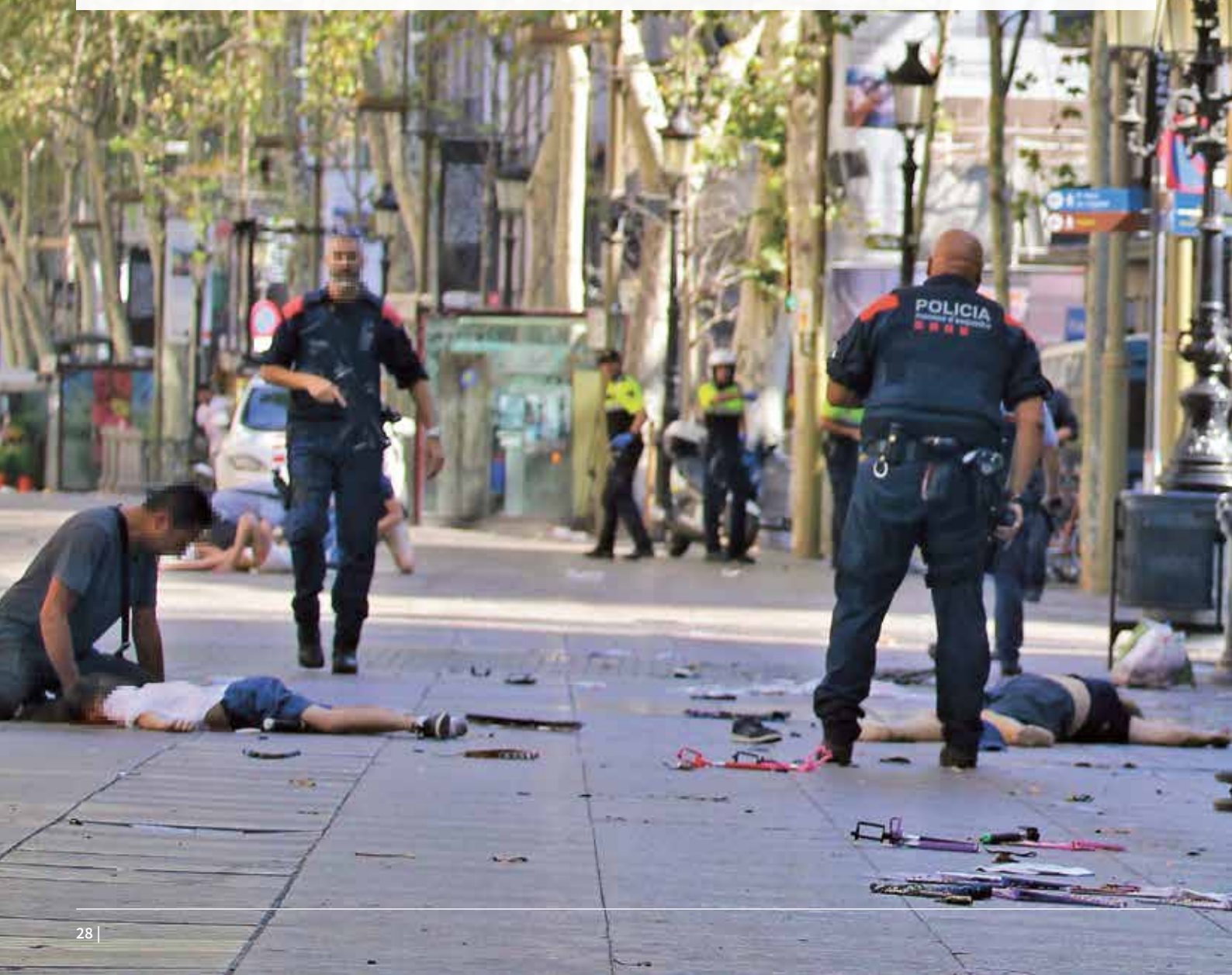
Abouyaaqoub conseguiu inicialmente fugir, mas a polícia localizou o seu paradeiro. Três dias depois do ataque ele foi morto a tiro perto da cidade de Subirats, a 50 km de Barcelona. Na altura, usava um cinto suicida falso e foi ouvido a gritar “Allahu Akbar” (expressão que significa ‘Deus é grande’).

Nessa semana houve outros incidentes violentos na área. No dia anterior ao ataque em Las Ramblas, uma casa em Alcanar, Tarragona, foi destruída por uma explosão. De acordo com a polícia, o aparelho explosivo caseiro destinava-se a atacar a icónica Basílica da Sagrada Família de Gaudi, em Barcelona. No dia a seguir ao ataque em Las Ramblas, um carro foi atirado contra um veículo policial à beira-mar em Cambrils, também Tarragona. Um dos atacantes esfaqueou uma mulher. A polícia matou cinco terroristas suspeitos. As autoridades espanholas ligaram estes acontecimentos a uma célula terrorista de 12 membros liderada pelo imã militante Abdelbaki Es Satty.

O relatório de Segurança Nacional de Espanha de 2016 afirmou que não é apenas em Barcelona mas noutras partes da Catalunha que “o processo de radicalização ocorreu mais rapidamente e a comunidade islâmica é caracterizada como a mais radical, com mais ligações a outros extremistas na Europa”.

Depois dos ataques, quase 1.000 muçulmanos caminharam em Las Ramblas com um cartaz a afirmar “Muçulmanos contra o terrorismo”. O principal rabino de Barcelona, Meir Bar-Hen, descreveu Espanha como uma “plataforma do terrorismo islamita para toda a Europa”. E sugeriu que os judeus deveriam emigrar para Israel, porque a “Europa está perdida”.

Fontes: *Gencat.cat*, 30 de Agosto de 2017; *Guardian*, 22 de Agosto de 2017; *Independent*, 20 de Agosto de 2017; *Sky News*, 18 de Agosto de 2017; *Telegraph*, 21 de Agosto de 2017; *La Vanguardia*, 21 de Agosto de 2017; *Informe Anual de Seguridad Nacional* 2016.





CASO DE ESTUDO FRANÇA



Foto: Plume Heters Tannenbaum / Hans Lucas



Foto: Confederation of the Jews of France and Friends of Israel

MULHER JUDIA ATIRADA PELA JANELA DE TERCEIRO ANDAR

Abril de 2017: A Dra. Sarah Halimi, uma avó judia de 65 anos, foi espancada e atirada pela janela da sua casa num terceiro andar em Paris. Um muçulmano de descendência maliana, que também vivia no mesmo prédio, foi acusado do homicídio da mulher. Na altura em que escrevemos, o seu julgamento ainda está pendente. Os vizinhos, incluindo muçulmanos, afirmaram que tinham ouvido o homem a gritar *slogans* religiosos em árabe durante o homicídio, incluindo secções do Corão.

Foram expressas preocupações de que as autoridades Francesas e a comunicação social estavam relutantes em referir a dimensão religiosa do crime. Os manifestantes – grupos judaicos, intelectuais famosos e algumas figuras políticas – estavam particularmente zangados com a ausência de um elemento anti-semita na acusação contra o atacante. O homem que atacou a Dra. Halimi alegou insanidade temporária: tinha estado a fumar canábis antes do ataque e os psiquiatras têm estado divididos sobre se ele está em condições de ir a tribunal. Dez meses após o ataque, os tribunais reclassificaram formalmente a morte da Dra. Halimi como “homicídio com o anti-semitismo como factor agravante”.

A extensão do anti-semitismo em França é destacada pelo facto de, menos de um mês após o juiz ter confirmado que o assassinio de Sarah Halimi tinha sido motivado por anti-semitismo, no final de Fevereiro de 2018, Mireille Knoll, uma avó de 85 anos que sobreviveu ao Holocausto, foi repetidamente esfaqueada na sua casa por dois homens, que mais tarde queimaram o seu corpo.

A França acolhe a maior população judaica da Europa Ocidental e muitos nesta comunidade de 465.000 membros se queixaram durante anos de um aumento dos crimes de ódio anti-semita. Perante tais ataques, os últimos anos têm presenciado um grande aumento da emigração de judeus, com muitos a partirem definitivamente para Israel.

A morte da Dra. Halimi desencadeou novos comentários na comunicação social, destacando estudos que apontam para um aumento do anti-semitismo, em especial entre as secções radicalizadas da comunidade muçulmana.

Fontes: *Jewish Chronicle*, 25 de Agosto de 2017, 12 de Julho de 2018; *Telegraph*, 28 de Fevereiro de 2018; *Jerusalem Post*, 26 de Junho de 2018.

judeus, a denunciar um “novo anti-semitismo” marcado pela “radicalização islamita”.⁶² Entre relatos de uma onda de migração de judeus franceses para Israel nos últimos anos, os signatários da declaração condenaram o que descreveram como uma “purga étnica silenciosa” movida por um crescente fundamentalismo islamita, em especial nos bairros da classe operária.⁶³

Perante este cenário, há alguma evidência a sugerir uma pequena mas potencialmente significativa mudança, com um afastamento da fé e da prática religiosa tradicional entre os que chegaram recentemente ao Ocidente vindos do mundo em desenvolvimento. Isto afectou vários grupos de fé diferentes. Em Março de 2018, o *Pew Research Center* publicou uma investigação que mostrou que “23% dos americanos criados como muçulmanos já não se identificam com a sua fé”. Contudo, e isto é importante, “a maior parte deles não revela esta sua falta de fé”, receando possível exclusão social, em especial por parte da família.⁶⁴ As provas também sugerem que houve afastamento da prática muçulmana tradicional não apenas em regiões do Ocidente, mas também nalguns países islâmicos. O Conselho de ex-Muçulmanos do Reino Unido afirmou em Março de 2018 que, apesar de terem sido vendidos 3.3 milhões de exemplares do livro de Richard Dawkins *A Desilusão de Deus* desde 2006, “só o pdf não oficial em língua árabe foi descarregado da internet 13 milhões de vezes”.⁶⁵ O Conselho reafirmou que as pessoas nos países de língua árabe e noutros países muçulmanos estavam relutantes em abandonar a fé de forma pública, ou mesmo a questioná-la. Esta era uma reacção ao que Conselho o descrevia como “o autoritarismo da norma religiosa... e à violência incessante”, bem como apostasia que é tecnicamente punível com a morte no Islamismo.⁶⁶

Resumindo, o período em análise testemunhou alguns passos em frente importantes para a liberdade religiosa, que dificilmente poderiam ter sido previstos na altura do anterior relatório, há dois anos. O principal destes desenvolvimentos surgiu das perdas em massa sofridas pelo Daesh (ISIS) e de outros grupos extremistas, no Iraque e na Síria, no nordeste da Nigéria e noutras zonas. Não só isto pôs fim às violações extremas da liberdade religiosa por parte dos islamitas, mas também marcou, pelo menos nalguns casos, o regresso de grupos religiosos minoritários cruelmente forçados a sair pelos extremistas. Contudo, apesar de o extremismo islamita ter sido forçado a abandonar algumas regiões, noutras ele expandiu-se, com consequências devastadoras em partes de África, incluindo o Middle Belt na Nigéria e na Somália, e o Islamismo wahabi a ser exportado para Madagáscar. O Islamismo militante foi um dos vários factores que desencadeou uma forte desaceleração da liberdade religiosa entre 2016 e 2018, pelo menos na Europa, que foi vítima do terrorismo de proximidade. O nacionalismo – em especial governamental – tornou-se

cada vez mais agressivo, com consequências profundamente perturbadoras para os grupos religiosos minoritários. Este desenvolvimento, que pode ser chamado de ultra-nacionalismo, é especialmente significativo porque é agora dominante na China, Rússia e Índia, potências mundiais com influência crescente em todo o mundo. Outros governos estão a tornar-se cada vez mais ultranacionalistas na sua hostilidade para com os grupos minoritários, nomeadamente o regime de Mianmar, cuja violência para com os muçulmanos rohingya chocou os observadores de direitos humanos em todo o mundo. **Esta publicidade é a excepção à tendência prevalecente. Fechou-se uma cortina cultural, por trás da qual as minorias religiosas sofrem, enquanto o Ocidente iletrado religiosamente vira a cara para não ver.** Na Europa e noutras partes do Ocidente, pouco tem sido feito para converter as palavras em acções, de modo a defender a liberdade religiosa. E os países onde as comunidades de fé sofrem não são propriamente alheios à liberdade religiosa. Tal como os relatórios de cada país preparados para este *Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo 2018* demonstram uma e outra vez, a vitimização mais flagrante dos grupos religiosos que cumprem a lei ocorre em países onde a expressão da liberdade religiosa é eloquente e ambiciosa. Enquanto poucos questionam o valor da liberdade religiosa no Ocidente, parece que ela perdeu terreno para outros direitos – nomeadamente raça, género e sexualidade – cujo avanço é indiscutivelmente visto como prejudicado pela religião. E no entanto, num mundo popularizado como a aldeia global, onde as trocas culturais aumentaram em massa através de enormes meios e alterações tecnológicas, da migração em massa e da mobilidade social, as perspectivas de paz e coesão comunitária vão ser inevitavelmente impedidas pela contínua iliteracia e apatia religiosas. Porque para a maioria das pessoas no mundo, a religião continua a ser uma força motriz crucial e, muitas vezes, preponderante. O Ocidente ignora-o por sua conta e risco.

⁶² ‘“Contre le nouvel antisemitisme”: des centaines de personnalités signent une tribune’, *Le Figaro*, 22 de Abril de 2018, <http://www.lefigaro.fr/actualite-france/2018/04/22/01016-20180422ARTFIG00027-contre-le-nouvel-antisemitisme-des-centaines-de-personnalites-signent-une-tribune.php> (acedido a 24 de Junho de 2018).

⁶³ ‘The New Antisemite’, 22 de Abril de 2018, <http://antisemitism-europe.blogspot.com/2018/04/france-300-personalities-denounce-quiet.html> (acedido a 24 de Junho de 2018).

⁶⁴ ‘The number of ex-Muslims in America is rising’, *The Economist*, 17 de Maio de 2018, <http://media.economist.com/news/united-states/21738904-yet-even-land-free-apostasy-isnt-easy-number-ex-muslims-america> (acedido a 24 de Junho de 2018).

⁶⁵ ‘Demand for atheism rises in countries under Islamic rule’, *ex-Muslim*, 27 de Março de 2018, <https://www.ex-muslim.org.uk/2018/03/demand-for-atheism-rises-in-countries-under-islamic-rule/> (acedido a 24 de Junho de 2018).

⁶⁶ ‘Demand for atheism rises in countries under Islamic rule’, *ex-Muslim*, 27 de Março de 2018, <https://www.ex-muslim.org.uk/2018/03/demand-for-atheism-rises-in-countries-under-islamic-rule/> (acedido a 24 de Junho de 2018).

INFORMAÇÃO DE FUNDO

Crise no Islamismo

Por Marc Fromager

Os estudos mostram que muitas pessoas no Ocidente têm uma atitude ambivalente para com o Islamismo, misturada com ignorância e medo.¹ O Islamismo surge regularmente nas manchetes da comunicação social, mais frequentemente de forma negativa com inúmeros relatos de violência envolvendo extremistas. A juntar a isto estão preocupações nalgumas partes da sociedade sobre a crescente visibilidade dos Muçulmanos no Ocidente. Isto relaciona-se com o vestuário distintivo dos muçulmanos e a expansão em números desta comunidade, em contraste total com o envelhecimento da população noutras partes da sociedade ocidental.

Tudo isto cria uma impressão da crescente força numérica do Islão no Ocidente, em especial na Europa. E surge entre previsões de que os Muçulmanos estão a caminho de se tornarem na maioria da população em certas cidades e regiões. Os muçulmanos constituem 13% da população em Roterdão, mas 70% dos jovens da cidade têm origens na imigração, muitos deles vindos de países muçulmanos, incluindo a Turquia e Marrocos.²

Entretanto, estudos demográficos prevêem que, daqui a duas gerações, os muçulmanos na Europa como um todo vão duplicar e passar a ser mais de 10% da população.³ Grupos extremistas declararam abertamente o seu objectivo, como expressou um jihadista australiano, de “liderar os exércitos da jihad que vão conquistar a Europa e a América”.⁴ Em Setembro de 2016, o Cardeal Christoph Schönborn, Arcebispo de Viena, fez uma homilia na sua catedral e colocou a seguinte questão: “Será que agora vai haver uma [nova] tentativa de conquista islâmica da Europa? Muitos muçulmanos pensam assim e desejam-no e dizem: Esta Europa está acabada.”⁵

Contudo, apesar de toda esta aparente confiança na expansão, há – até certo ponto escondido da vista – uma crise crescente dentro do

Islamismo. Primeiro, há uma divisão, para não dizer guerra aberta, entre os dois principais ramos do Islão: os sunitas e os xiitas. As tensões resultam em grande parte de divisões sectárias entre a Arábia Saudita, que defende o Islamismo sunita wahabi, e a transformação do Irão num poder xiita em 1979, mudanças que “reavivaram uma rivalidade sectária de há séculos sobre a verdadeira interpretação do Islão”.⁶ Até mesmo dentro destes dois grandes grupos há conflito, nomeadamente sobre as áreas geográficas de influência. Os incidentes de conflito entre a Al Nusra e o Daesh (ISIS) – ambos grupos sunitas – na Síria estão bem documentados.⁷ Os acontecimentos no Médio Oriente, Indonésia, Paquistão e outras regiões da Ásia indicam uma radicalização em partes do mundo muçulmano. Isto não seria problemático em si – na realidade, os muçulmanos têm direito a praticar a sua fé conforme acharem adequado –, mas essa radicalização é frequentemente acompanhada de intolerância para com os outros. Nas áreas onde os muçulmanos radicalizados são (de momento) uma minoria, há uma rejeição da integração⁸ e noutras áreas, onde eles são predominantes, há uma discriminação activa e muitas vezes ameaçadora para com as minorias.⁹

Apesar disso, as origens desta radicalização apontam para sinais de fraqueza. Por um lado, há os factores externos, como a dependência do dinheiro do Golfo,¹⁰ acompanhada a wahabização de várias comunidades sunitas. A Arábia Saudita, principal defensora do wahabismo, foi criticada quando reagiu à crise de refugiados Europeia em 2015 “oferecendo-se para construir 200 mesquitas na Alemanha... uma por cada 100 refugiados que entraram na Alemanha”.¹¹ Por outro lado, há os factores internos, o confronto cultural e filosófico com a modernidade e o impacto da globalização através da qual os valores e normas ocidentais estão a ser propagados, sobretudo através das redes sociais.

Finalmente, tudo aponta para que alguns muçulmanos estejam a abandonar o Islamismo, seja para abraçar o ateísmo¹² ou o Cristianismo, com relatos a indicar que o número de conversões secretas está a aumentar,¹³ incluindo em países como a Suécia.¹⁴

¹ Harry Farley, ‘Islam and the West: “Worrying” report reveals Britons’ attitudes to Muslims’, *Christian Today*, 30 de Agosto de 2017, <https://www.christiantoday.com/article/islam-and-the-west-worrying-report-reveals-britons-attitudes-to-muslims/112717.htm> (acedido a 31 de Julho de 2018).

² ‘Rotterdam, Netherlands – Intercultural City, Council of Europe’, <https://www.coe.int/en/web/interculturalcities/rotterdam>.

³ ‘Muslim population in Europe to reach 10% by 2050, new forecast shows – Pew Research study...’, *The Guardian*, 2 de Abril de 2015 <https://www.theguardian.com/world/2015/apr/02/muslim-population-growth-christians-religion-pew> (acedido a 31 de Julho de 2018).

⁴ “‘They are all enemies, their hearts are black’: Australian Islamic extremist delivers hate speech calling for ‘armies of jihad’ to conquer Europe and America so ‘the word of Allah will reign supreme’”, *Daily Mail*, 14 de Abril de 2016, <http://www.dailymail.co.uk/news/article-3538989/Australian-Muslim-extremist-Islam-al-Wahab-leads-Hizb-ut-Tahrir-calls-armies-jihad-conquer-Europe-America.html> (acedido a 31 de Julho de 2018).

⁵ ‘Cardinal Schonborn warns of “Islamic conquest of Europe”’, *Catholic News Agency*, 14th September 2016, <https://www.catholicnewsagency.com/news/cardinal-schonborn-warns-of-islamic-conquest-of-europe-59849> (acedido a 31 de Julho de 2018).

⁶ ‘The Sunni-Shia Divide’, *Council on Foreign Relations*, <https://www.cfr.org/interactives/sunni-shia-divide#!/sunni-shia-divide> (acedido a 31 de Julho de 2018).

⁷ ‘Daesh suicide bomber blows himself up in al-Nusra Front Command Center in Syria’, *Sputnik International*, 5th March 2017 <https://sputniknews.com/middleeast/201703051051283235-daesh-nusra-fight-syria/> (acedido a 31 de Julho de 2018).

⁸ ‘De acordo com o Dr. Ahmed Ibrahim Khadr, a primeira lealdade dos radicais é para com o Islão, enquanto a primeira lealdade dos moderados, independentemente da sua religião, é para com o Estado. Os radicais rejeitam a ideia de igualdade religiosa porque a verdadeira religião de Alá é o Islamismo; os moderados aceitam-na.’ Raymond Ibrahim, “‘Radical’ vs. ‘Moderate’ Islam: A Muslim view”, *Gladstone Institute*, 25 de Maio de 2016, <https://www.gladstoneinstitute.org/8101/radical-moderate-islam>.

⁹ “Um fenómeno novo e muito triste é a perseguição de Cristãos e de outras minorias religiosas nos países de maioria muçulmana, que aumentou muito desde o crescimento dos grupos extremistas.” Shaykh Umar Al-Qadri, ‘Tackling Islamist extremism’, *Dialogue Islam*, 2 de Abril de 2016, <https://dialogueireland.wordpress.com/2016/04/02/tackling-islamist-extremism-by-shaykh-umar-al-qadri-in-the-irish-catholic/> (acedido a 31 de Julho de 2018).

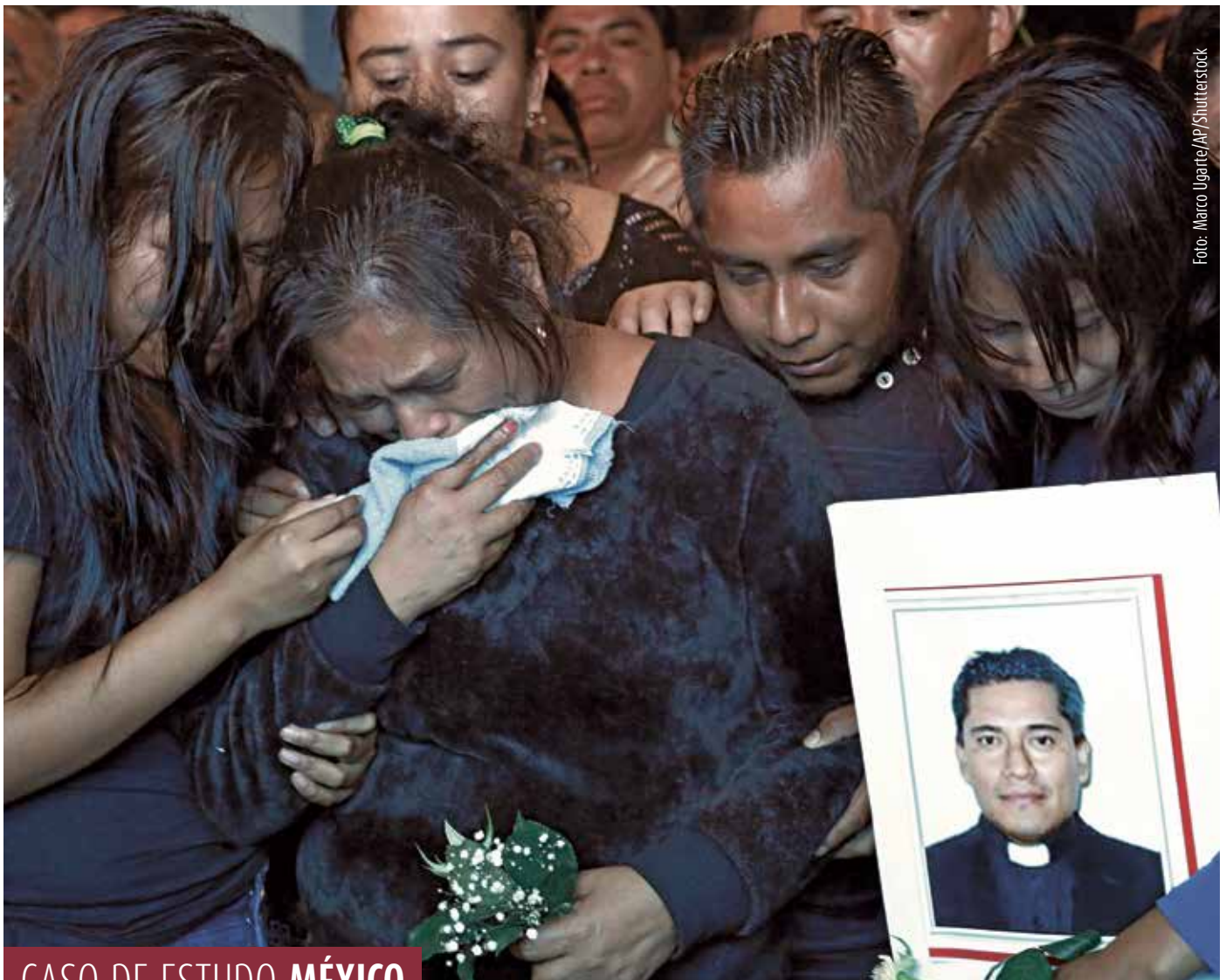
¹⁰ Taj Hargey, ‘First Person – Dr Taj Hargey: We must seize agenda back’, *The Oxford Times*, 30 de Maio de 2013, http://www.oxfordtimes.co.uk/news/opinions/first_person/10453482.First_person_Dr_Taj_Hargey_We_must_seize_agenda_back/.

¹¹ Adam Withnall, ‘Saudi Arabia offers Germany 200 mosques – one for every 100 refugees who arrived last weekend’, *The Independent*, 11 de Setembro de 2015, <https://www.independent.co.uk/news/world/europe/saudi-arabia-offers-germany-200-mosques-one-for-every-100-refugees-who-arrived-last-weekend-10495082.html> (acedido a 31 de Julho de 2018).

¹² ‘Losing their religion: the hidden crisis of faith among Britain’s young Muslims’, *The Guardian* 15 de Maio de 2015, <https://www.theguardian.com/global/2015/may/17/losing-their-religion-british-ex-muslims-non-believers-hidden-crisis-faith> (acedido a 31 de Julho de 2018).

¹³ ‘Muslims turning to Christ – a global phenomenon’, *Premier Christianity*, Junho de 2016, <https://www.premierchristianity.com/Past-Issues/2016/June-2016/Muslims-turning-to-Christ-a-global-phenomenon> (acedido a 31 de Julho de 2018).

¹⁴ Hollie McKay, ‘Christian convert from Iran converting Muslims in Sweden’, *Fox News*, 17 de Janeiro de 2018, <http://www.foxnews.com/world/2018/01/17/christian-convert-from-iran-converting-muslims-in-sweden.html> (acedido a 31 de Julho de 2018).



CASO DE ESTUDO MÉXICO

CLERO É ALVO DAS ORGANIZAÇÕES CRIMINOSAS

Setembro de 2016: Familiares e paroquianos juntaram-se na Igreja de Nossa Senhora da Assunção em Paso Blanco, estado de Veracruz, México, para o funeral do sacerdote assassinado, Padre Jose Alfredo Suarez de la Cruz, que foi um dos dois sacerdotes que as autoridades encontraram atados e crivados de balas na beirada da estrada.

Milhares de mexicanos inocentes foram mortos nos últimos cinco anos, incluindo pelo menos 23 sacerdotes. A raiz do problema está no crime organizado, incluindo os cartéis de droga e os gangues que lidam com combustível roubado. Os sacerdotes católicos têm sido atacados porque a Igreja tem sido abertamente crítica em relação aos criminosos e aos responsáveis corruptos que os apoiam. O Padre Sergio Omar, do Centro Católico Multimídia (CCM) no México, disse: “Matar um padre... simboliza uma demonstração de poder por parte das organizações criminosas.”

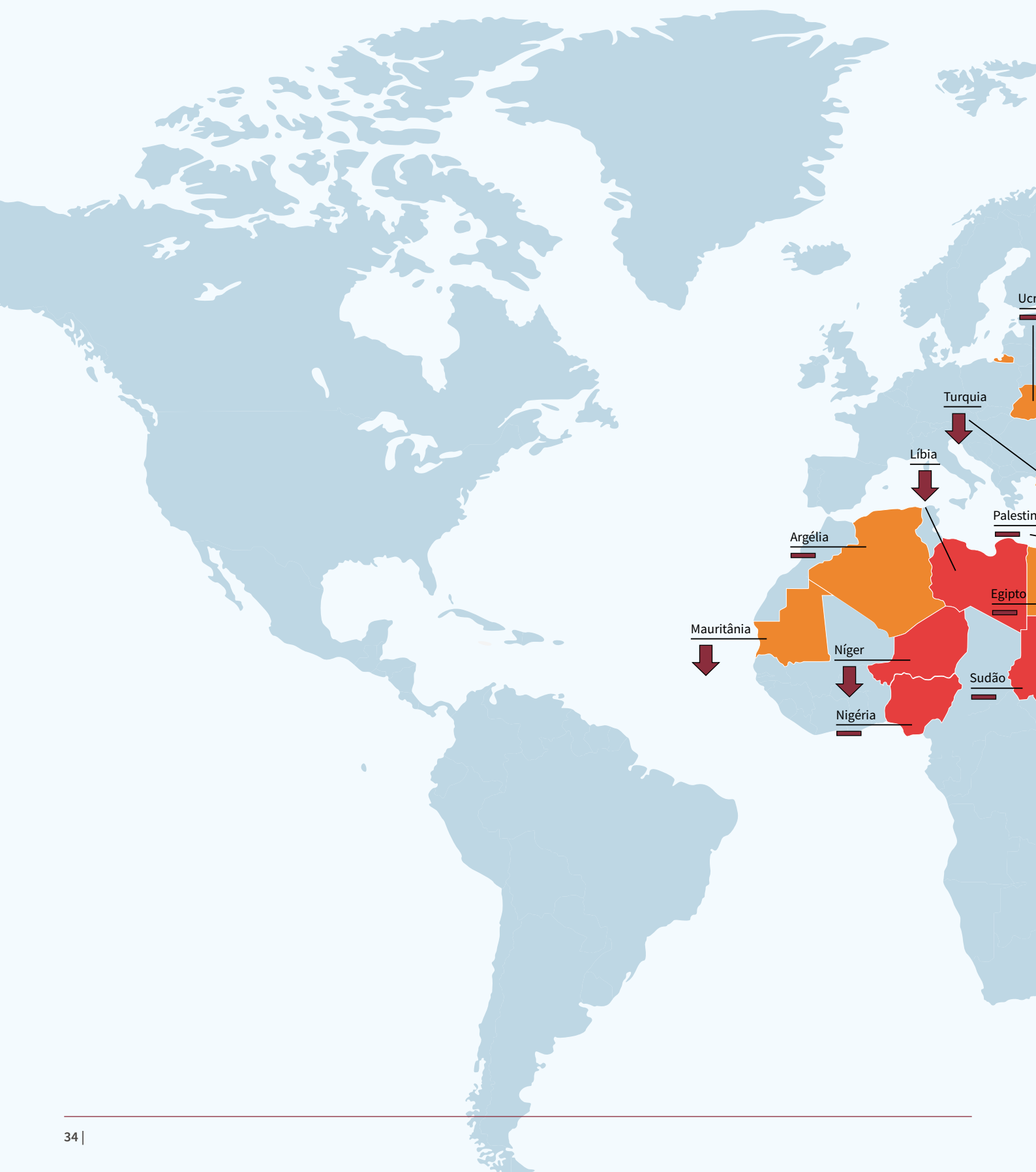
As organizações de comunicação no México, incluindo o CCM, afirmam que os cartéis de droga formaram alianças com alguns políticos e juizes e com membros da polícia e das forças de segurança, o que “causa decadência da cabeça aos pés na sociedade”.

O México é o país mais perigoso da América Latina para os sacerdotes, sofrendo raptos, tiroteios, espancamentos, esfaqueamentos e ataques com bombas contra a Igreja, incluindo a catedral da cidade do México. O CCM referiu 884 casos de clérigos que foram ameaçados ou chantageados só em 2017. O centro acrescentou que 51 sacerdotes foram mortos nos últimos 30 anos, calculando que a tortura esteve envolvida em 80% dos casos em que os sacerdotes foram assassinados.

Fontes: *Aid to the Church in Need (UK) news*, 25 de Abril de 2018; *Catholic Herald*, 20 de Abril de 2018; *Catholic News Agency*, 11 de Agosto de 2017; *USA Today*, 24 de Abril de 2018; Entrevista com o Centro Católico Multimídia, México.

PAÍSES COM VIOLAÇÕES SIGNIFICATIVAS DA LIBERDADE RELIGIOSA

Este mapa indica os países onde há um nível significativo de discriminação ou perseguição de acordo com a análise do Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo. Para mais informação, ver por favor a tabela nas páginas seguintes.



Natureza da perseguição/discriminação

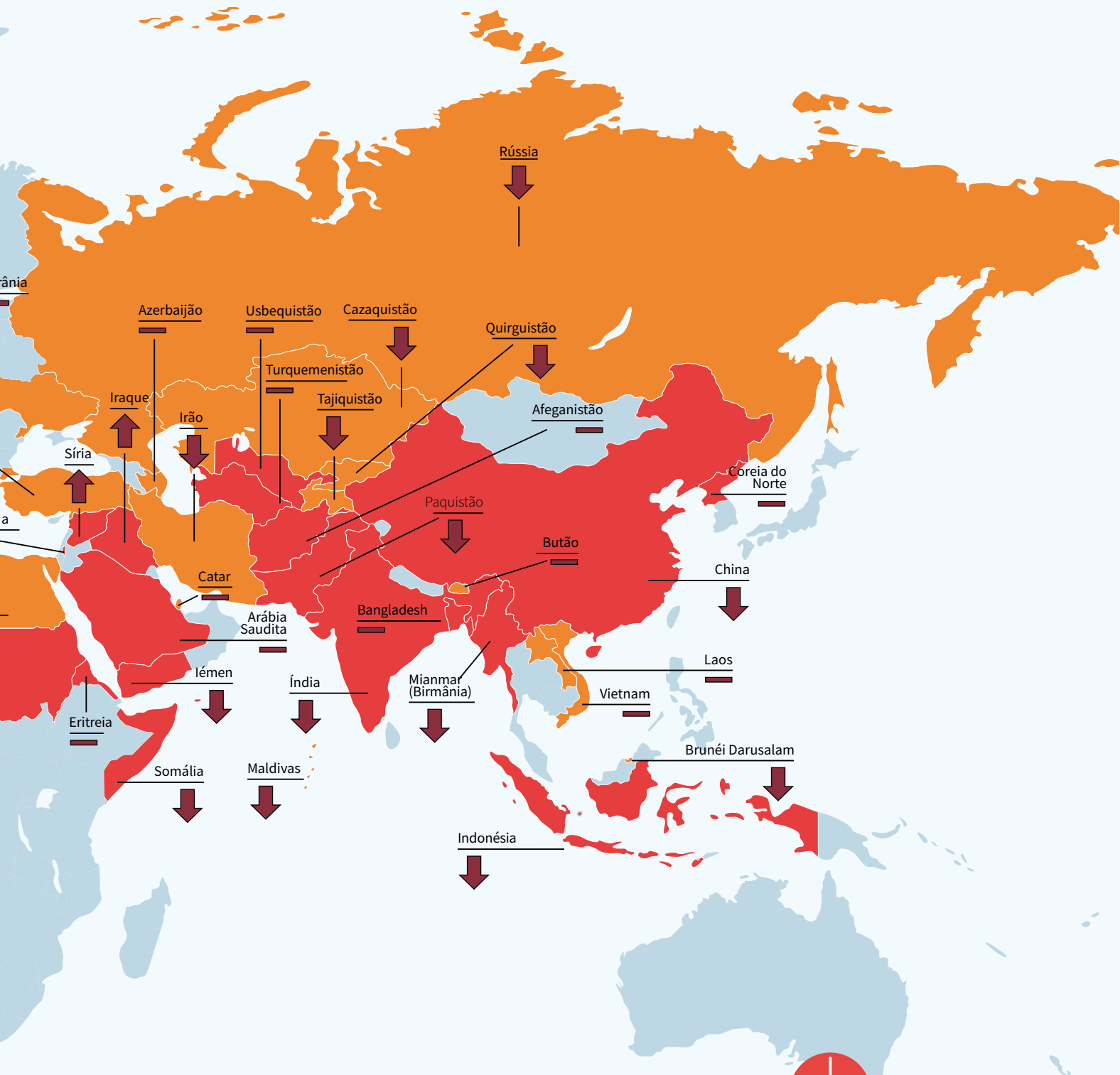
■ = Perseguição

■ = Discriminação

↑ = Situação melhorou

— = Situação manteve-se





















↓ = Situação piorou



Fundação AIS

ACN PORTUGAL

PAÍSES COM VIOLAÇÕES SIGNIFICATIVAS DA LIBERDADE RELIGIOSA

País	Categoria	Comparado com Junho de 2016	Infractor Predominante	Indicadores principais
Afeganistão			NÃO ESTATAL	Blasfémia punível com a morte. Conversão do Islamismo é ilegal. Não há igrejas públicas. Cristãos e Bahá'ís estão entre os grupos que praticam em segredo. Extremistas atacaram mesquitas e bairros xiitas. Entre Janeiro 2016 e Novembro de 2017, houve 51 ataques a grupos religiosos, de acordo com ONU – 870 mortes civis.
Argélia			ESTATAL	Proselitismo por não muçulmanos é punível com multa de até 5 anos de prisão. Em 2017, um cristão convertido do Islamismo acusado de insultar o Islamismo e preso. Muçulmanos ahmadis vítimas de repressão governamental.
Arábia Saudita			ESTATAL	Sinais de abertura mascaram opressão sistemática das minorias religiosas. Conversão do Islamismo punível com a morte. Proibida a importação e distribuição de materiais religiosos não islâmicos. Proibição de locais de culto não islâmicos. Março de 2018: Príncipe Herdeiro reuniu com Papa Ortodoxo Copta na Catedral Egípcia.
Azerbaijão			ESTATAL	Leis alteradas em Maio de 2017 para permitir que nacionais e estrangeiros autorizados liderem cerimónias islâmicas. Estado aumentou restrições a grupos religiosos não autorizados. Em 2016, 26 livrarias e casas inspeccionadas e literatura não autorizada apreendida. Multas para encontros religiosos não autorizados.
Bangladesh			NÃO ESTATAL	Violência islamita contra figuras proeminentes. Ataque num café por islamitas matou 22 pessoas, em Julho de 2016. No período em análise, 40 pessoas assassinadas, incluindo 18 intelectuais estrangeiros, académicos e editores, classificados como ateus.
Brunei			ESTATAL	Passos dados para aprovar novo Código Penal da sharia altamente restritivo. Propagação da fé para além do Islamismo é punível com pena de prisão. Celebrações do Natal proibidas desde 2015. O Governo proibiu totalmente o Islamismo ahmadi, os Bahá'ís e as Testemunhas de Jeová.
Butão			ESTATAL	Todo o proselitismo “estrangeiro” (ou seja, não budista) proibido. Pessoal religioso não budista não autorizado no país. Religiões não budistas devem ser praticadas em privado. Cristãos vistos como uma ameaça à “identidade nacional Butanesa”.
Catar			ESTATAL	Lei criminaliza proselitismo não islâmico. Aprovação de planos para construção de uma igreja evangélica e conferências sobre o papel dos Cristãos na sociedade sugerem que situação está a melhorar. Contudo, continua a ser um país altamente conservador, com restrições à liberdade religiosa a nível estatal e social.
Cazaquistão			ESTATAL	Novas leis aumentaram restrições à liberdade religiosa, afectando educação religiosa, proselitismo e confisco de materiais não aprovados: crianças não podem frequentar serviços religiosos sem serem acompanhadas por um familiar. Em 2017, mais de 280 julgamentos envolvendo pessoas acusadas de actividade religiosa não autorizada.
China			ESTATAL	Maior opressão da actividade religiosa em todo o país. “Regulamento sobre Assuntos Religiosos”, introduzido em Abril de 2018, altamente restritivo da actividade religiosa <i>online</i> . Bíblia proibida de ser vendida <i>online</i> em Abril de 2018. Relatos de Janeiro de 2018 afirmam que mais de 100.000 muçulmanos uigures estão detidos em campos de “reeducação”.























LEGENDA:



















- = Perseguição
- = Discriminação
- = Não classificado

- ↑ = Situação melhorou
- = Situação manteve-se
- ↓ = Situação piorou

Este quadro indica os países em que há um nível significativo de discriminação ou perseguição, de acordo com a análise do Relatório da Liberdade Religiosa no Mundo. Para mais detalhes, ver, por favor, www.religion-freedom-report.org

País	Categoria	Comparado com Junho de 2016	Infractor Predominante	Indicadores principais
Coreia do Norte	●	—	ESTATAL	Provavelmente o pior país do mundo para a liberdade religiosa. Recusa sistemática de cada preceito da liberdade religiosa. Pensa-se que 25% dos cristãos estejam em campos de detenção. Os cristãos receberam tratamento especialmente duro. Situação má que dificilmente poderia piorar.
Egipto	●	—	ESTATAL, NÃO ESTATAL	Situação estabilizou com apelo do presidente a uma reforma anti-extremista do Islamismo. Governo não reconhece conversão do Islamismo e entrada sobre 'religião' no bilhete de identidade não pode ser alterada. Leis e políticas discriminam não muçulmanos. Intolerância social profundamente enraizada contra cristãos.
Eritreia	●	—	ESTATAL	Falta de informação fidedigna transmitida para fora do país. Governo continua a controlar estritamente as instituições religiosas. Assédio de grupos não registados continua, incluindo buscas e prisão de suspeitos. Em 2017, o Governo passou a controlar inúmeras escolas religiosas muçulmanas e cristãs ortodoxas.
Índia	●	↓	ESTATAL, NÃO ESTATAL	Entre 2016 e 2017, ataques a cristãos quase duplicaram para 736. Liberdade religiosa na Índia com "tendência decrescente" de acordo com observadores de liberdade religiosa. Números estatais de Fevereiro de 2018 destacam agravamento da violência religiosa. Em 29 estados, seis têm leis anti-conversão.
Indonésia	●	↓	ESTATAL, NÃO ESTATAL	Três igrejas em Surabaya atacadas a 13 de Maio de 2018, matando 13 pessoas. Perseguição de muçulmanos xiitas e ahmadis. Quando uma budista pediu que o som dos altifalantes de uma mesquita fosse baixado em 2017, um templo budista foi incendiado. Pastores fugiram de Aceh Singkil após ameaças de morte.
Iraque	●	↑	NÃO ESTATAL	Cristãos e outros regressam às terras natais depois de Daesh (ISIS) ser forçado a sair. Governo respeita liberdade de culto religioso, mas minorias não estão bem protegidas. Lei do Governo do Curdistão de 2016 defende liberdade religiosa e texto provisório da Constituição reconhece direitos de não muçulmanos.
Irão	●	↓	ESTATAL	Não muçulmanos proibidos do sistema judicial e da polícia. Vestuário islâmico obrigatório para não muçulmanos. Condenação de crentes em igrejas domésticas aumentou. Maior pressão sobre os Bahá'í, aumento do número de lojas bahá'í encerradas. Dezenas de sufis detidos. Governo propaga anti-semitismo.
Iémen	●	↓	ESTATAL, NÃO ESTATAL	Proselitismo proibido. Conversão do Islamismo a outra religião proibida. Iémen é uma base para grupos islamitas. ONU advertiu sobre "escalada recente" da perseguição a Bahá'ís. Sacerdote raptado de lar de idosos e mantido preso durante 14 meses. Houthis consideram comunidade judaica como "inimigo".
Laos	●	—	ESTATAL	Governo interfere nas actividades religiosas, criando dificuldades sobretudo aos grupos religiosos não registados, em particular aos protestantes. Conversões religiosas especialmente problemáticas em regiões dominadas por animistas. Ataques físicos e legais a líderes de religiões não tradicionais.
Líbia	●	↓	ESTATAL	Embora a liberdade religiosa seja garantida pela Constituição, na prática está a agravar-se. Proibição efectiva do proselitismo. O Daesh (ISIS) expandiu o seu território. Ataques regulares a cristãos, incluindo violações e trabalhos forçados. Aumento das mortes de minorias religiosas.

País	Categoria	Comparado com Junho de 2016	Infractor Predominante	Indicadores principais
Maldivas			ESTATAL, NÃO ESTATAL	Nacionalidade reservada apenas aos Muçulmanos. Educação necessária para “inculcar obediência ao Islamismo”. Evangelização não muçulmana proibida. Impossível converter-se a outra religião para além do Islamismo. Inexistência de locais de culto cristãos, proibição de importação de Bíblias. Ataques a pessoas acusadas de promoverem o “ateísmo”.
Mauritânia			ESTATAL, NÃO ESTATAL	Nacionalidade reservada apenas aos Muçulmanos. Renúncia ao Islão implica pena de morte. Governo introduziu pena de morte obrigatória por blasfémia e apostasia. Wahabismo a propagar-se e Governo central frágil deixam as pessoas sem perspectivas, esperando aderir aos grupos wahabistas.
Mianmar (Birmânia)			ESTATAL	688.000 rohingyas fugiram para o Bangladesh para escapar à violência do exército. De Agosto a Novembro de 2017, 354 aldeias rohingya incendiadas pelos militares. Governo proíbe monges budistas não autorizados. Pelo menos 21 aldeias descritas como “zonas sem muçulmanos”. 66 igrejas destruídas desde 2011.
Níger			NÃO ESTATAL	Organizações islamitas a ganharem cada vez mais terreno. Muitos centros wahabistas emergiram. Grupos extremistas destabilizam o país e tornam a vida difícil para as minorias religiosas. Boko Haram acabou por tomar a cidade de Bosso. Dificuldades económicas forçam pessoas (jovens) a colocarem-se nas mãos dos grupos extremistas.
Nigéria			NÃO ESTATAL	Com o Boko Haram forçado a retroceder, a situação dos grupos religiosos minoritários melhorou no nordeste. Contudo, a violência de militantes <i>fulani</i> no Middle Belt aterrorizou Cristãos. Ataque em Abril de 2018 a uma igreja durante a Eucaristia resultou na morte de dois sacerdotes e 17 paroquianos.
Palestina			NÃO ESTATAL	Em 2018, fontes da Igreja local afirmaram que os cristãos em Gaza diminuíram 75%, de 4.500 para 1.000 em seis anos. Cristãos de Gaza enfrentam novos desafios de militantes do Daesh (ISIS) que entraram na Faixa de Gaza.
Paquistão			ESTATAL E NÃO ESTATAL	Em 2018, o Presidente da Conferência Episcopal Católica descreveu “um aumento alarmante da ... intolerância e do extremismo violentos”. Governo luta por conter grupos extremistas que atacam grupos minoritários. Em 2017, as leis anti-blasfémia foram alargadas para abranger as comunicações electrónicas. Aumento das minorias que querem deixar o país.
Quênia			NÃO ESTATAL	Mudança de categoria. No relatório de 2016, o Quênia estava na categoria de ‘Perseguição’. Declínio acentuado dos ataques pelo Al-Shabaab por causa da repressão de segurança do Governo. País saiu da categoria de perseguição.
Quirguistão			ESTATAL	Mudança de categoria. No relatório de 2016, o Quirguistão foi colocado na categoria ‘Não classificada’. Ambiente político cada vez mais autoritário tornou a vida mais difícil para os grupos religiosos. Novas leis tornadas destinadas a reprimir o registo de novos grupos religiosos e aumentar a censura de literatura religiosa.
Rússia			ESTATAL	Mudança de categoria. No relatório de 2016, a Rússia foi colocada na categoria ‘Não classificada’. Lei Yarovaya de 2016 aumentou restrições a grupos religiosos não autorizados, proibindo a pregação e a divulgação de materiais. Buscas, multas e detenções. Igrejas Greco-católicas na Crimeia forçadas a sair. Abril de 2017: sede das Testemunhas de Jeová e todos os seus 395 centros locais proibidos.
Somália			NÃO ESTATAL	Violações à liberdade religiosa em áreas onde o Al-Shabaab ganhou terreno. Pessoas apedrejadas até à morte. Dezembro de 2017: vídeo apela a que extremistas “persigam infiéis e persigam igrejas”. Aumento dos ataques por grupos extremistas. Outubro de 2017: ataque em Mogadíscio, quase 600 mortos.

País	Categoria	Comparado com Junho de 2016	Infractor Predominante	Indicadores principais
Sudão			ESTATAL	Aumento das penas por blasfémia. Continuação da discriminação e opressão de grupos religiosos, nomeadamente a membros de igrejas nos montes Nuba. Governo anunciou planos para demolir 25 igrejas.
Síria			ESTATAL, NÃO ESTATAL	Grupos extremistas responsáveis por atacar grupos religiosos perderam a maior parte do seu território. Abusos de direitos humanos comuns em áreas dominadas pelo Governo e áreas rebeldes, mas as piores violações da liberdade religiosa ocorreram nas áreas dominadas pelos rebeldes. Em Maio de 2017, o Daesh matou 52 pessoas em aldeias ismaelitas.
Tajiquistão			ESTATAL	Lei do extremismo usada pelo Governo para justificar opressão do Islamismo não autorizados. Mais de 8.000 mulheres muçulmanas impedidas de usar o véu. Em 2016, foram proibidos os partidos políticos religiosos. Repressão de todas as formas de dissidência aumentou, enfraquecendo drasticamente a liberdade de expressão.
Tanzânia			NÃO ESTATAL	Mudança de categoria. No relatório de 2016, a Tanzânia estava na categoria de 'Perseguição'. Declínio na actividade de grupos islamitas militantes, não tendo havido incidentes graves no período em análise. Outros incidentes, incluindo acções judiciais contra pastores pentecostais, parecem ter tido motivos políticos. Perspectivas da liberdade religiosa melhoraram.
Turquemenistão			ESTATAL	Lei da religião de 2016 intensificou as restrições a grupos religiosos que procuram reconhecimento estatal. A lei permite que os grupos registados abram escolas de formação para o clero. Frequentes buscas a igrejas, com ameaças, espancamentos, multas, detenções e confiscos. Muitas igrejas e mesquitas demolidas nos últimos anos.
Turquia			ESTATAL	Islamismo de linha dura, intolerante para com grupos não muçulmanos, a crescer em influência social. Governo turco recusa-se a reconhecer novo Arcebispo Apostólico Arménio. Aumentou o discurso de ódio contra grupos protestantes no Natal de 2016-17. Turquia a caminhar para o autoritarismo, o que não augura boas perspectivas para a liberdade religiosa.
Ucrânia			ESTATAL, NÃO ESTATAL	Separatistas em Lugansk, Donetsk e Crimeia assediaram grupos cristãos não ortodoxos. Vandalismo de monumentos em memória do Holocausto, sinagogas e cemitérios judaicos. Perseguição de Testemunhas de Jeová. Em Junho de 2016, as autoridades separatistas adoptaram novas leis que proíbem a criação de "seitas". Nova lei em Lugansk proíbe grupos "não tradicionais".
Usbequistão			ESTATAL	Abril de 2018: novas penalizações para violações da lei da liberdade religiosa, incluindo penas de oito anos de prisão. Entre Setembro de 2016 e Julho de 2017, foram realizados 185 raids policiais a Testemunhas de Jeová. Polícia torturou 15 crentes. Presos milhares de muçulmanos que praticam uma religião não autorizada.
Vietname			ESTATAL	Graves restrições à evangelização. Disputas de terras entre polícia e organizações religiosas. Março de 2018: atacantes espancam 24 <i>hmongs</i> recém-convertidos ao Cristianismo. Assédio de organizações religiosas e ataques ao clero e fiéis sugerem que é pouco provável que o Governo melhore a abordagem à liberdade religiosa.

www.religion-freedom-report.org



ACN PORTUGAL

Fundação AIS

A AIS é uma obra de caridade católica que apoia os fiéis onde quer que eles sejam perseguidos, oprimidos ou estejam a necessitar de ajuda, fazendo-o através de informação, oração e acção. Fundada no dia de Natal de 1947, a AIS tornou-se numa Fundação Pontifícia em 2012. Todos os anos, a organização responde a mais de 5.000 pedidos de ajuda de bispos e superiores religiosos em cerca de 145 países, incluindo: formação de seminaristas; impressão de Bíblias e literatura religiosa – incluindo a Bíblia das Crianças da AIS, da qual foram impressos mais de 51 milhões de exemplares em mais de 180 línguas; apoio a sacerdotes e religiosos em circunstâncias difíceis; construção e restauro de igrejas e capelas; emissão de programas religiosos; e ajuda a refugiados.



(00351)217 544 000 | www.fundacao-ais.pt | fundacao-ais@fundacao-ais.pt